



de Antas

BOLETIM PAROQUIAL



Director e Editor:

P.º MANUEL DE BRITO FERREIRA

Propriedade da Paróquia:

S. PAIO DE ANTAS

Redacção e Administração:

CENTRO PAROQUIAL — TELEF. 87250

Composição e Impressão:

TIP. OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

Editorial

A IGREJA EM DIÁLOGO

O momento presente é de diálogo. A Igreja aceita-o. Considera-o necessário. Outro fim não teve em vista o Concílio Vaticano II: franquear as portas ao diálogo.

A Igreja fala e escuta: isto é, dialoga. Cumpre o mandato de Cristo: também Ele dialogou, com os homens do seu tempo. Recordemos o encontro com os doutores, ainda menino. Atitude: ouvir e interrogar. Mas convém não esquecer que uma das normas fundamentais da boa educação é dar a palavra às pessoas de maior respeitabilidade. Não interromper quem fala. Saber manter uma atitude de receptividade. Tal como Cristo.

Há que reconhecer todavia que é esta uma das grandes dificuldades do diálogo. De resto, o conflito de gerações que se observa na hora actual, radica-se na ausência de receptividade. A juventude recusa-se, muitas vezes, a aprender com a experiência dos adultos. Estes, por sua vez, recusam-se, muitas vezes, a aceitar o entusiasmo juvenil, a nobreza de alma dos seus sentimentos, o seu idealismo e generosidade na realização de sonhos e na concretização de belos projectos. Acham tudo falho de objectividade.

Não há atitude de diálogo de parte a parte. Não há abertura de alma. Não há esforço de mútua compreensão. Não há receptividade. Há ausência de amor!

A Igreja a todos exorta ao diálogo. No amor.

(Conclui na 2.ª Pág.)

Mês de Maio, Mês de Maria

Ao aproximar-se o mês de Maio, sentimos acordar em nós um sentimento misto de alegria e ternura, uma frescura de alma, primaveril. É que a primavera de campos verdejantes e floridos traz consigo esses dias especialmente dedicados à honra e louvor da Mãe de Deus e nossa Mãe!

Que consolação para o nosso coração de filhos, e de portugueses, poder expandir em louvor tudo o que nos cabe na alma por Aquela que foi e é a Obra mais perfeita da Criação. Pois Maria foi criada só para Deus!

Maria é chamada o Paraíso de Deus!

Maria é o próprio Eco de Deus!

Que ninguém imagine que Maria, sendo uma Criatura, possa ser um impedimento à união de cada alma com o seu Criador, pois já não é Maria que vive senão e somente Jesus Cristo — é o próprio Deus que vive N'ela, A humildade de Maria leva-a a glorificar somente a Deus quando lhe chamam Bem-Aventurada:

«A minha Alma glorifica o Senhor e o meu Espírito exulta em Deus, meu Salvador...»
Para subir e nos unirmos



a Deus, é necessário recorrer ao mesmo meio de que Ele próprio se serviu para descer até nós, para se fazer Ho-

mem, para nos comunicar as suas graças. Este meio é Maria!

(Conclui na 2.ª Pág.)

Entrevistando os "heróis" do sofrimento



Na
Procissão
do
Senhor
aos
Enfermos



Foi no dia 2 de Abril. Manhã risonha. Eram oito e meia da manhã e tudo estava preparado para seguir a Procissão. O toque angélico

dos sinos o estalejar dos da da Igreja paroquial. Os foguetes anunciavam a saída da Igreja paroquial. Os sím-

(Conclui na 2.ª Pág.)

Mês de Maio, Mês de Maria Entrevistando

os «heróis» do sofrimento

(Conclusão da 1.ª Pág.)

Não há que ter medo de diminuir o culto que devemos a Jesus, honrando Sua Mãe, pois ninguém pode louvar e honrar mais e melhor a Jesus Cristo do que quando honra e louva a sua Santa Mãe porque não se honra Maria senão para honrar mais perfeitamente a Jesus Cristo; não se vai a Maria senão como via, caminho para encontrar o fim desejado que é Jesus.

A devoção a Nossa Senhora não consiste apenas nos exercícios de certas práticas de piedade, aliás recomendadas e necessárias. Isso seria demasiado fácil. Não, para agradar, para honrar verdadeiramente a Maria é preciso ir mais longe, cavar mais fundo... Pois como pode alguém dizer que ama e procura honrar a S.ª Virgem, quando pelo seu procedimento ofende, ultraja a Jesus Cristo, Seu Filho?

Que ninguém se iluda ou se tranquilize sob pretexto que é muito devoto de N. Senhora, e se deixe viver calmamente instalado, no erro, na desordem, nos maus hábitos. Para se ser verdadeiramente dedicado a Maria é necessário viver na disposição de evitar o pecado que ofende tanto a Mãe como o Filho num esforço grande de conversão isto é de emenda de

Vida, procurando corresponder aos pedidos tantas vezes repetidos da Mãe do Céu, com fidelidade e amor. A dificuldade está em saber verdadeiramente encontrar Maria!

Mas quem alguma vez A encontrou, e por Ela a Jesus e através de Jesus, o Pai, o Deus Altíssimo, então encontrou todos os Bens: a graça e a amizade de Deus, a segurança e vitória contra as dificuldades da salvação, a Verdade contra a Falsidade, a doçura e a alegria nas amarguras da vida.

Também em Fátima, a «alma» da Mensagem demorou algum tempo a ser conhecida. De princípio, deu-se apenas a conhecer a mensagem fundamental de penitência, oração, emenda de vida. «Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido... «Rezai, rezai muito, porque vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas... Mas chegou por fim o dia em que Lúcia nos descobriu os aspectos mais íntimos, mais espirituais da Mensagem: o Coração Imaculado de Maria.

Não se trata de mais uma devoçãozinha sob o tema «Coração Imaculado», seria um erro considerá-lo como tal, representa sim de harmo-

nia com a melhor teologia dos nossos tempos, o aspecto mais formal da pessoa que manifesta o seu amor debaixo do símbolo natural do seu coração. Em certos momentos Ela abre as mãos e deixa ver o fundo do peito e dá uma mensagem «cordial» de amor.

Todos os elementos da Mensagem de Fátima estão vitalmente animados por este outro elemento que constitui a sua «alma». Não se trata apenas dum convite constante à oração trata-se mais concretamente duma oração de intercessão que passa necessariamente pelo coração da Virgem.

A devoção do terço também não é sómente uma nova recomendação desta devoção, ela é, além de tudo mais, uma interiorização que deve ser conseguida na prática e pela prática dos primeiros sábados.

O Coração da Mãe, nestes tempos conturbados que vivemos, pede Reparação!

Neste mês de Maio abra-mo-lhe de par em par as portas do coração, e ofereçamos-lhe as expressões de ternura que nele encontrarmos.

Santa Mãe de Deus
Mãe Imaculada
Virgem das Virgens
Rosa Mística

rogai por nós

E com elas o desejo sério e corajoso, sincero e verdadeiro duma vida mais digna e mais conforme com os ditames do Evangelho, uma vida de cristianismo mais coerente, mais autêntico, apelando para o auxílio que nos virá seguramente do seu Amor de Mãe. Ela é a medianeira de todas as graças.

No dizer de S. Tomás d'Aquino, Deus, na Sua omnipotência pode prodigalizar os seus dons como lhe aprouver directa ou indirectamente mas a regra geral é passarrem através de Maria.

Lembremos as bodas de Caná em que foi antecipada a hora do Senhor a pedido de Sua Mãe. No Pentecostes o Espírito Santo tardava, Maria chama, Maria apela e o Divino Esposo não lhe resiste.

Digamos pois:

Auxílio dos Cristãos
Refúgio dos pecadores
Mãe da Divina Graça
Porta do Céu

rogai por nós

Senhora, que à tua semelhança como outrora na pequenina casa de Nazaré, prostrados de joelhos diante do Senhor, neste mês de Maio, mês de Maria, saibamos preferir com humildade e confiança «Fiat», eis aqui a escrava, a escrava do Senhor. Faça-se em mim segunda a tua palavra!

Maria T. Corrêa d'Oliveira

(Conclusão da 1.ª pág.)

bolos eucarísticos e da J.A.E. O.C.A., que tem a Eucaristia por Alimento, o entapetamento dos caminhos, enchiam as «medidas»...

Os Escuteiros, a catequese, as Confrarias e Irmandades, todos os organismos apostólicos, toda a família paroquial se incorporou. Percorreu durante quatro horas, os caminhos da freguesia. Cansados mas Felizes! O pálio era precedido por crianças vestidas de branco, levando salvas de pétalas de flores naturais.

A primeira pessoa, no lugar do Monte, que entrevistamos foi a sr.ª Cecília Ribeiro dos Santos (Cárta), com 81 anos de idade e cega de há 12 anos. «Sinto inexprimível Alegria ao ver o Senhor Sacramentado entrar em minha casa».

Em seguida visitamos a sr.ª Olinda Rodrigues Meira, com 78 anos. Acolheu-nos com um sorriso de Alegria: «Oxalá que esta visita nunca acabe».

Relativamente perto vive Maria Alvez da Cruz com 81 anos de idade. À nossa pergunta: —«Você gostou desta visita que Nosso Senhor lhe fez?» respondeu alegre: — Gostei imenso.

Chegámos ao Cantinho (Bairro do Sol). Entramos em casa de Ana Pires Vieira (Titó), de 83 anos. O nosso amiguinho José Augusto Rodrigues da Costa (filho do Zé Leites) com 13 anos, sofria de paralisia infantil. Ainda visitámos Adelaide Pires Vieira (Delaida d'Arque) com 76 anos de idade e cega de há cerca de 7 anos e Ana Fernandes de Sá com 78 anos de idade.

Seguimos para o lugar de Belinho. Falamos com Teresa Dias de 83 anos e Maria Gonçalves Pereira de 77 anos de idade.

Atravessámos a Estrada Nacional e... rumo a Guilheta (o lugar mais populoso da freguesia).

Visitámos: Rosa Rodrigues Meira, sofria de reumatismo.

Um benemérito

Entregou a quantia de 16.000\$00 para o arranque da 2ª fase das obras paroquiais o nosso interesse. E já começaram. Reunidos os chefes de família no centro paroquial reiteraram todo o apoio e interesse. Foram unânimes em afirmar: As obras paroquiais são do nosso interesse e beneficiam a causa da nossa Igreja.

Encorajou-nos a continuar todos os anos com a procissão do Senhor dos Enfermos.

Felicidade Alves Rolo de 87 anos de idade. Júlia Martins Torres de 84 anos. Elvira Moreira, e Balbina. Neste lugar terminámos na casa de Deolinda Gonçalves Pereira de 76 anos e Amélia Rodrigues Moreira de 80 anos.

No lugar da Estrada contactámos com Maria Cerqueira de 87 anos de idade. Parámos na capela de Nossa Senhora dos Remédios. Lá, estavam: Josefina e Adelaide.

Antes de culminar esta visita com a EUCARISTIA na Igreja Paroquial, entregámos a estes «heróis» do Sofrimento, Irmãos de Cristo Paciente, a oração para conforto espiritual:

Obrigado, Senhor, porque re-partiste comigo um pouco da Tua Cruz!

Obrigado, Senhor, porque fizeste desabrochar no meu corpo as rosas das Tuas Chagas!

Obrigado, Senhor, porque me tornaste participante do cálice da Tua Dor; e, me deste, no sofrimento, um sinal do Teu Amor!

ADELINO NEIVA

Comunhão Pascal

Das crianças do Ensino Primário e da Telescola, teve lugar no dia 24 de Março p. p. Ao fim da Celebração Eucarística houve no salão recreativo um lanche onde conviveram professoras e alunos sendo no final distribuídas recordações com o pensamento:

Sou cristão
se caminhar com Cristo.
Caso contrário,
estou a iludir-me.

Capela de Santa Tecla

Não pode ser beneficiada, como foi anunciado, com relógio por o orçamento «abusar» dos nossos recursos económicos. Senão vejamos:

1 amplificador AMBARO M-75, 12 400\$00; 4 cornetas c/ pinha 50 W a 7 000\$00/1, 28 000\$00; 1 relógio electrónico «AVE de FATIMA», 9 600\$00; 1 Giradiscos AMBARO, 2 900\$00; 1 Microfone dinâmico, 2 600\$00; 100 Metros de fio para as cornetas a 8\$00/1, 800\$00; Serviço de montagem e acessórios, 3 000\$00.
SOMA 59 300\$00.

Editorial

(Conclusão da 4.ª Pág.)

Na compreensão. Oa mútua aceitação. Na franqueza. Na verticalidade.

Atenta aos anseios do mundo de hoje, recorda o mandamento de Cristo: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amei!» Mandamento sempre novo! Na mais flagrante contradição com os profetas do ódio que pululam por toda a parte, na atitude ridícula de únicos salvadores

A Igreja prega o diálogo porque o considera imprescindível. Da Bíblia colheu essa lição maravilhosa.

Depois da Anunciação, Maria visitou sua prima Isabel, porque sentiu necessidade de dialogar.

Depois da Ressurreição, Cristo aparece e dialoga com Maria Madalena, para a incumbir de uma missão de diálogo junto dos irmãos.

Também depois da Ressurreição, Cristo aparece a Pedro, para com ele dialogar. «Simão, amas-me?» «Senhor, Tu sabes tudo. Sabes bem que Te amo». Incumbência junto dos outros: «Apascenta as minhas ovelhas». Em resumo: ocupa-te dos outros. Dialoga com eles.

No caminho de Emaús, Cristo apareceu para um diálogo de esclarecimento. E o diálogo não foi de surdos...

As portas de Damasco, Saulo de Tarso converte-se. O Senhor remete-o para o sacerdote Ananias. Para encontrar a solução dos seus problemas... no diálogo!

Não é por isso difícil compreender que a atitude da Igreja, ontem como hoje, seja de diálogo. E que esse diálogo seja de amor. Tal como o de Cristo. Mesmo quando, com desassombro e verticalidade, tratou os fariseus por hipócritas e sepulcros caiados!

Não nos devemos admirar por isso que a linguagem da Igreja seja dura por vezes, sobretudo quando tem de falar a hipócritas... Quando o faz é no espírito de fidelidade a Cristo!

Pequenas notícias

É interessante saber que...

— Monumentos

Foram levantados em pétalas naturais e serrim decorativo, pela Juventude e povo cristão, nos caminhos da freguesia, para receber triunfalmente — Jesus Sacramentado — na procissão aos enfermos.

Destacaram-se: o emblema da JAEOCA, em frente à Igreja, aludindo a uma Juventude que tem a Eucaristia como Alimento. Vários no lugar do Monte, nos locais acostumados. No lugar de Azevedo 3 «obras de arte». Em todo o lugar de Belinho. Os tapetes, desenhos e símbolos eucarísticos deram esplendor, graça e encanto no acompanhamento do Senhor Fora.

Em Guilheta, por motivos de mau estado de tempo, não foi possível representar ao vivo, os tão lindos quadros da Paixão.

Louvor à Juventude, homens e mulheres que sacrificaram uma noite inteira para «aplanar os caminhos» do Senhor Sacramentado.

Parabéns aos impulsionados e «arquitectos».

— Mês de Maio

As cerimónias deste mês dedicado a Nossa Senhora, terão lugar na igreja paroquial, às 8 horas da tarde, ao findar dos trabalhos. Será organizado por grupos de jovens pertencentes à JAEOCA — Sector de Liturgia.

— Caminho de Guilheta

Encontra-se em ritmo acelerado a obra da abertura do caminho do centro de Guilheta. Melhoramento pedido há cerca de 33 anos e apenas agora realidade!

— Oferta

De alguém para benefício da Igreja: sanguinhos, corporais, manustérgios, almofada (de altar) toalhas (linho) véus (de vaso), camilhas, etc. A este alguém, o Senhor recompense tão valiosa oferta.

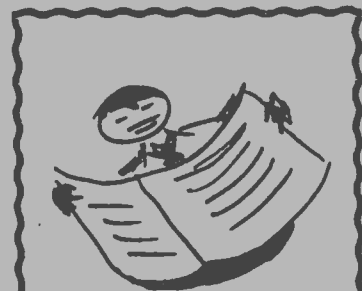
— Procissão do Senhor dos Passos (Belinho)

— Será alvo de grande peregrinação em Maio, onde se inaugurará a estátua do Emigrante. Os danos causados por impunes noctívagos intensificaram a coragem e o Amor a Nossa Senhora da Guia em todos os caminhos da nossa vida.

— P do Senhor dos Passos (Belinho)

Realizou-se em 28 de Março p. p. uma devoção apagada há cerca de setenta anos; reacendeu-se em grande chama de Amor à Paixão do Redentor. Graças ao dinamismo

do seu zeloso pároco e colaboração de tão numerosa família paroquial foi possível assistir ao ressurgir de uma das glórias do passado. Bem hajam!...



Leia e divulgue «VOZ DE ANTAS», a nossa voz.

ASSINATURA ANUAL . . . 75\$00
ASSINATURA (Estrangeiro) 95\$00

Próxima equipa redactorial:

TURRINHA
BEATRIZ



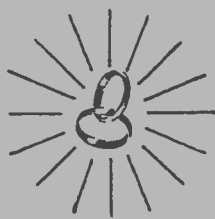
«A família está no primeiro plano enquanto mãe e fonte da educação: nela, os filhos, rodeados de amor, descobrem mais facilmente a recta ordem das coisas». (G. et Spes)

Em Março

Dia 20 — Rosete Maria Torres Morgado, nascida a oito de Março. Filha de Laurentino da Costa Morgado e de Amélia Vieira Torres Morgado, residentes no lugar do Monte. Foram padrinhos: Manuel Meira Gonçalves Pereira e Mariberta Maria Gomes Cardoso Gonçalves Pereira, residentes no lugar de Belinho.

Dia 26 — Rui Filipe Martins Mota, nascido a quatro de Fevereiro. Filho de Salbino Pereira Mota e Maria Emília Martins Vitorino, residentes em Guilheta. Foram padrinhos: Filipe Meira Rolo e Maria Gorett Meira Cardante, de Guilheta.

Dia 27 — Luís Miguel Viana Faria, nascido a dois de Janeiro. Filho de Vitor Manuel da Silva Faria e de Maria Filomena Pires Viana de Faria. Foram padrinhos: Manuel Pires Viana e Maria Lúcia da Silva Faria, de Azevedo.



Uniram os seus destinos pelos laços do Matrimónio:

Em Março

Dia 19 — José Joaquim Ferreira Ledo e Maria Pires Viana. Ele de 24 anos de idade, da freguesia de Belinho, filho de Manuel Martins Ledo e Maria Ermelinda Gonçalves Ferreira. Ela de 20 anos de idade, de Azevedo, filha de Benardo de Azevedo Viana e de Rosa Pires.

Dia 27 — Manuel Laurentino Ferreira Rolo, com Maria da Conceição Plácido Fernandes. Ele de 20 anos de idade, da Pereira, filho de Aurélio Alves Rolo e de Olinde Rodrigues Ferreira. Ela de 19 anos de idade, natural de Castelo do Neiva (Viana do Castelo), filha de José do Carmo Fernandes e de Aurora de Castro Martins Neto Plácido.

Em Abril

Dia 2 — Domingos Ferreira da Silva e Maria de Lurdes Poças da Costa. Ele de 30 anos de idade, da freguesia

Casamentos

de Rio de Moinhos (Concelho de Penafiel), filho de Valde-
mar Ferreira da Silva e de
Isabel Augusta. Ela de 27
anos de idade, da Pereira,
filha de Fernando Martins da
Costa e Maria Alves Rolo
Poças.

VIOLENTO EMBATE

provoca morte
instantânea a um jovem

Fernando da Cruz da Torre, quando se dirigia da Oficina onde era mecânico em Forjães, para a sua terra natal (Antas) embateu mortalmente com uma furgoneta que seguia em sentido contrário. A morte numa das fatídicas curvas da estrada do Freixo, ceifou a vida a um jovem de 20 anos de idade, filho de António Gonçalves da Torre e de Amélia Alves da Cruz. Nascido em 21 de Abril de 1956, frequentou a escola de Azevedo, tendo obtido distinta classificação nos exames. Exercia com esmero e perfeição o cargo de mecânico. Casou, em Janeiro p. p. com Maria de Fátima Alves Pereira da Silva, S. Romão de Neiva, Viana do Castelo.

Morreu em 1 de Abril. Foi sepultado católicamente em S. Romão. A JAEOCA incorporou-se no cortejo fúnebre colocando na campa onde jaz o primeiro dos seus amigos e entusiastas a partir para a Casa do Pai, uma monumental cruz em flores naturais

Fernando Torre



continua presente...

e cravos. Foi o primeiro a usufruir dos benefícios espirituais determinados pelos Estatutos da JAEOCA: Uma missa por mês, concelebração e Exéquias solenes em Novembro.

«Voz de Antas» acompanhou a família nesta hora dolorosa e consolou-a com a promessa da imortalidade.

A sua presença continua indelével na amizade dos seus amigos!

Dez conselhos ao Pai

1. Não discuta diante dos filhos.
2. Trate os filhos com igual amor.
3. Nunca minta aos filhos.
4. Os esposos devem ser indulgentes um com o outro.
5. Não ralhar nem castigar os filhos na presença de outros rapazes ou raparigas.
6. Não falar demasiado nos defeitos dos filhos.
7. Não envaidecer os filhos, contando a toda a gente, diante deles, as suas habilidades.
8. Responder sempre, com naturalidade, às perguntas dos filhos.
9. Ganhar a amizade dos filhos, mostrando-lhes sempre a mesma boa disposição.
10. Intervir, com firmeza, mas sem perder a cabeça, para impedir os desmantos dos filhos.

Baptizados

Dia 27 — Manuel Fernando da Cunha Plácido, nascido a dezasseis de Março. Filho de Manuel Salgueiro Neto Plácido e de Amélia Lapeiro da

Cunha, de Guilheta. Foram padrinhos: António Fernando Fernandes de Sá e Maria Amélia da Cunha Plácido, de Estrada.



Em Fevereiro

Dia 21 — Manuel Meira da Costa, de 53 anos de idade, em Lisboa. Filho de Gilherme Meira do Vale e de Justina Gonçalves Ribeiro.

Em Março

Dia 31 — Armanda Alves Moreira, em Guilheta, com 69 anos de idade. Filha de Custódia Alves Moreira.

À SOMBRA DA CRUZ

FALECEU

O Senhor Arcebispo Primaz

D. Francisco Maria da Silva



D. Francisco Maria da Silva

Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Francisco Maria da Silva, Amantíssimo Pastor da Arquidiocese de Braga finou-se vitimado por cancro no fígado, depois de longo sofrimento aceite sempre em plena e edificante conformidade com a Divina Providência, às 4 horas e 45 minutos do dia 14 do mês de Abril.

A Arquidiocese de Braga chora inconsolável a morte do seu vigilante e destemido Pastor.

A Cidade cobriu-se de pesados crepes pela irreparável perda duma destacada figura da Hierarquia Eclesiástica que pelo fulgor da sua inteligência enobrecerá Clero e Leigos que tiveram a dita de ouvirem a sua palavra inflamada pelo calor do Evangelho.

Grande na vida, foi grande na Morte. Gigante de inteligência foi gigante de coração. Ele amou: amou a Igreja, amou a Pátria, amou o rebanho, que por sua vez lhe deu e mretorno o coração e a inteligência. D. Francisco mandou para ser útil, governou porque amava, aceitou o honra de servir. O episcopado não foi para ele um título de honra mundana, mas um peso que sobrecarregava, um peso que purificava a dignidade episcopal de qualquer mancha de vaidade exterior. Com humildade e sabedoria ele reconheceu e aceitou a sua limitação humana.

Muito mais havia a contar e ainda muito se esperava da Sua vontade hercúlea para

completar a obra religiosa e social mas a morte arrebatou-no-lo para o levar a receber a recompensa duma vida fecunda em boas obras.

A Paróquia de S. Paio de Antas chora e reza.

Dai-lhe Senhor o eterno descanso.

«O Testemunho de uma Família Cristã»

«O que Maria é na minha Vida»

1. Desde pequeno que sinto como que uma atracção extraordinária a impelir-me para Nossa Senhora. Por isso sempre a Ela recorri nas horas boas e nas horas más. Essa força de Amor levou-me a Fátima com a intenção de A servir e assim tem sido há 38 anos! Por Ela me aproximei de Cristo, Seu Filho, conhecendo-O melhor e procurando tê-lo presente na minha vida. A Ela me entreguei. D'Ela tenho recebido as maiores Bênçãos.

António C. d'Oliveira

2. Considero impossível traduzir em palavras o lugar incomparável que Maria ocupa na minha vida, no entanto posso dizer que Ela é a Companheira de todos os instantes, a Confidente, a Amiga, a Mãe. No Seu Coração Imaculado encontro o Refúgio e o Estímulo das horas difíceis, o Caminho mais seguro

para o meu encontro com o Senhor.

Maria Teresa

3. Nossa Senhora é Mãe! É a Mãe sempre disponível, a Mãe perfeita, sem limitações, sem defeitos.

Nossa Senhora é a Mãe a quem recorro quando na Terra já ninguém pode fazer nada por mim: nem a minha própria mãe! E sempre, sempre Ela responde às minhas angústias e aos meus pedidos.

António Nuno

4. Nossa Senhora é a minha maior Amiga com quem converso intimamente e a quem confio todos os meus segredos. Nela deposito toda a confiança e d'Ela tenho recebido os maiores favores a começar pela graça

Miradouro

Encostado ao umbral da porta de casa, ao mesmo tempo que lamentava as consequências de um inverno sem chuvas, admirava o maravilhoso panorama nesse dia primaveril.

Céu límpido, ar puro, sol que se reflectia no arvoredado e na pouca relva que se via ainda pelos campos, em matiz de verde metalizado.

Que lindo dia!

Pensava no poder do Criador, procurando entender os seus desígnios. Campos e poços vazios. As gentes, de rosto curtido e bondoso, mostravam ares tristonhos, trocando aqui e ali queixumes conformados. É que Deus sabia o que fazia ...

A primavera ali estava. Risonha, cheia de esperanças, anunciadora de vida nova. Mil promessas no ar, comunicando dias vindouros mais animadores.

Os campos são a expressão da vida na freguesia. Luta-se pela sobrevivência, em trabalho árduo dedicado a uma pequena agricultura conformista.

De repente fui despertado pelo ruído característico das rodas de ferro dos carros puxados pelas incansáveis vacas, elemento essencial da lavoura da região. O barulho era um tanto anormal. Por certo seriam vários carros a rodar na estrada que se escondia para além da esquina da casa.

Curioso, aguardei, atento ao desfile que se aproximava.

Apareceu o primeiro. Logo a seguir, outro e mais outro, e mais outro, uma linha infundável, no passo cadenciado do gado, à mistura com as gentes que os acompanhavam, alegres, comunicativas. De todas as idades, destacando-se a alegria juvenil e as suas vestes coloridas.

Eram muitos os carros. Diria mesmo que ali estariam os que existem no lugar.

A curiosidade era legítima. Perguntei, informei-me.

A resposta foi, natural, simples, admirativa pela minha ignorância, mas bem clara: «Iam todos ajudar a carregar e trazer o mato cortado na respectiva bouça para o Sr. Fulano. Assim é que se faz sempre. Amanhã serão os outros a fazer por nós...»

Quanta simplicidade, quanta naturalidade!

Pois claro, nada de espantar!

Nos tempos que correm será mesmo assim?...

(Conclui na 8.ª Pág.)

O Cemitério de S. Paio d'Antas

É dos mais lindos que tenho visto. E dos mais acarinhados. Aos sábados à tarde, quem se puser na encruzilhada de S. João, ou no adro da Igreja, poderá contactar com todas as famílias da freguesia. Representantes de todas, mulheres e raparigas, as mais lindas flores aos braços, vão enfeitar o jardim dos seus queridos que repousam aguardando a hora da Ressurreição.

É lindo, aquele extenso jardim sempre florido! não faz impressão nenhuma?

É que em S. Paio sabe-se, tem-se a certeza de que se começou, mas não se acabará jamais. De que a vida se continua na VIDA. Por isso se reza, e se presta a homenagem das flores. Em simplicidade. Em saudade. Sem tragédias descabidas.

A. VIANA

JUVENTUDE e DIDADA



"Sereis vós, rapazes e raparigas, a recolher o facho das mãos dos vossos antepassados e a viver no mundo no momento das mais gigantescas transformações da sua história, sois vós quem, recolhendo o melhor do exemplo e do ensinamento dos vossos pais e mestres, ides constituir a sociedade de amanhã: salvar-vos-eis ou perecereis com ela. (...)

A Igreja (...) tem confiança que vós encontrareis uma força e uma alegria tais que não chegareis a ser tentados, como alguns dos vossos antepassados, a ceder à sedução das filosofias do egoísmo e do prazer, ou às do desespero e do nada, e que perante o ateísmo, fenómeno e cansaço e de velhice, vós sabereis afirmar a vossa fé na vida e no que dá um sentimento à vida: a certeza da existência de um Deus justo e bom. (...)

A IGREJA olha-vos com confiança e com amor (...)"

Vaticano II, Mensagem do Concílio, Aos Jovens

Hino da JAEOCA

Somos jovens e cristãos
trabalhamos e rezamos
em Cristo somos irmãos
de Cristo nos confessamos

Estudantes, operários
nova terra, nova gente
esperançosos agrários
lançando a boa semente

Reprovamos com firmeza
tantos livros imorais
desvendamos sem franqueza
joio, falsos mat'riais

Somos nada, somos tudo
somos morte, somos vida
temos Deus por nosso escudo
é Ele a nossa guarida

É longe o nosso horizonte
nesta terra à praia-mar
juntos formamos a ponte
nada a pode destroçar

Somos de Antas que cantamos
terra da nossa paixão
a quem beijam oceanos
faz da honra o seu brasão

Somos jovens alistados
contra o erro e a maldade
JAEOCA, somos soldados
da justiça e da verdade

Menina e moça

Menina e moça que vais com o gado, na manhazinha gelada. Que levas o leite ao Posto e a lavadura à porca. Que vais à erva, à leira semear o cebolo, e ao poço pela água. Que regressas, e panela ao lume, ajeitas o caldo para a família. Lavada a loiça, caminhos para a escola, sacola ao ombro, faces rosadas, carapuço na cabeça, olhitos vivos, ansiosos de saber mais do mundo que te cerca, do mundo que vai lá fora, daquilo de que falam os grandes...

Menina que sentes a vida a crescer, quantas perguntas na tua cabecinha loira ou morena, no teu coração, a que a escola não responde — «Quem sou? O que sou? Onde vim Para onde vou? Porque os homens não são iguais? Ou serão?...»

Jovens de S. Paio que já não vais à Escola, já encontraste as tuas respostas?

Junta-te às tuas companheiras de 15 em 15 dias, no Salão Paroquial, depois da Missa das 7 h., para em conjunto, procurares a solução para as tuas inquietações. Regressarás mais enriquecida, vendo melhor em ti e à tua volta. Conhecendo-te melhor, e ao mundo que te rodeia, caminharás mais forte na vida, mais segura, confiante e feliz...

Viva o Amor

Desde o presépio à cruz,
Cristo o amor ensinou;
Sem aceção de classes
Cristo a todos amou.

Não ames com falsidade,
Mas ama do coração
Habitua-te a ver já,
Em todos o teu Irmão.

Nunca sejas egoísta,
Nunca traias a verdade;
Usa sempre de prudência
Nunca uses falsidade.

Aos velhos e abandonados
Dá-lhes sempre a tua mão;
Aos presos e perseguidos
Leva-lhes consolação.

Não esqueças que esta vida
É terrena, é passageira,
E que outra a esta se segue
Essa que não tem fronteira!

Se o Amor assim viveres
Bem firme dentro de ti,
Quando partires dirás:
Fui feliz, porque vivi!

Maria José Neiva

Avante Juventude

Avante Juventude
Chegou a tua hora
Trabalha canta e reza
Como fez outrora

O ser Jaioca é puro amor
Caminhos mil a desfolhar
Esta a graça do Senhor
Neste constante labutar

Ai que bom é ser Jaioca
Ter um ideal na vida
Para se lançar-se à conquista
Da nossa Terra querida

Ai que bom é ser Jaioca
Ai que grande amor encerra
Para lançar-se à conquista
Para salvar a nossa Terra

Passamos nossos serões
Em culinária e costura
Assim vamos preparando
A nossa vida futura

Todos juntos de mãos dadas
Formamos treze sectores
P'ra aprender temos vontade
E ensinar bons professores

Poeta às três pancadas

NOCTURNO...

São dez horas da noite...
Marulha ao longe o Mar.
Ouve-se de quando em quando o piar de ave nocturna.
Que bom o silêncio, a Paz,
depois de um dia de trabalho!

De repente... Ao longe...
e chegando-se mais, ressoam nos ares os cantares de vozes frescas de raparigas. Em coro, vivas, alegres, afinadas, espichando de alegria de viver, juventude! Comunicando amizade, amor, clamando Paz... E passam, e afastam-se ao longo do monte da Cidade, caminho do lugar de Belinho...

Em nós fica um sorriso. Na face e na alma. Desce paz sobre o nosso coração. Esperança, e confiança. Obrigadas, Mocinhas de S. Paio. Não regateeis os vossos risos e cantares. Enchei os ares da vossa terra alegria de viver a vossa juventude.

Vêm felizes. Mais ricas. Depois de um dia de trabalho duro, em casa, na lavoura, na fábrica, foi bom o Encontro da Amizade, no ensaio do grupo coral, na aula de Culinária, modalidades de arte em que se vêm preparando para melhor repartir felicidade.

É bom ver-vos, camponesas e operárias, construindo na alegria, no Amor e pelo Amor, recusando o ódio, a inveja, a tristeza, a raiva, instrumentos errados para construir um mundo de gente verdadeiramente feliz!

Maria do Monte



Páscoa Cristã

É bonito o compasso. À frente, em preito,
Vem o mordomo, que dá a cruz a beijar:
«Boas Festas, Aleluia» — Entra no lar
A redenção do Povo Eleito...

Depois da visita, é o jantar
Onde se imola o Cordeiro da Redenção.

Há ansias de Salvação em cada coração
E profunda fé em cada olhar.

A Passagem celebrada em cada ano
Dá ao mundo a claridade do tenebroso arcano
Que enleita em trevas o caminho incerto

Os homens, que se odeiam, perdoem
As faltas uns aos outros e todos se amem
E a Terra será um céu aberto.

A. N.

Alegria

Paz, caridade, não vão sós,
Têm alguém por companhia;
Quem poderia ser senão,
A verdadeira Alegria?

Presto atenção e escuto,
As preces da Humanidade;
Há guerras, há sofrimento,
Porque não há caridade.

Oh Senhor, se és o Caminho,
Se és a Vida e a Verdade,
Que todos os homens te sigam
Para encontrar Felicidade.

Maria

Ser jovem

Ser jovem é coisa séria
e grande risco também
é lutar de dia e de noite
para vir a ser alguém.

Ser jovem é ser alguém
Que vive sempre do presente
o adiar para amanhã
é coisa que não consente.

V. S. M.

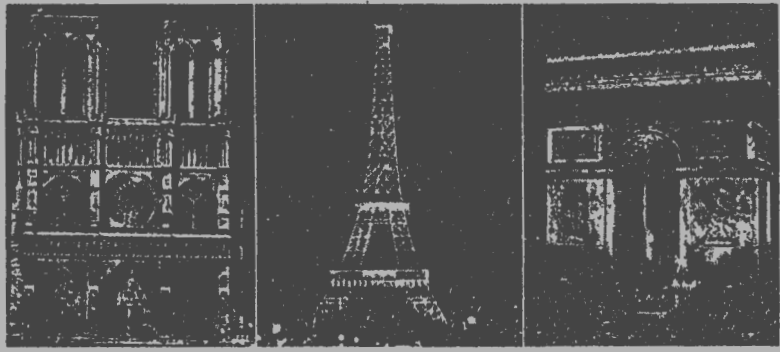
QUADRAS

Sou nova e sou lavradeira
Muitas coisas não entendo,
A água nasce nos montes
Para as fontes vai correndo...

Maria Adelaide C. da Cunha
15 anos

Lavradeira eu sou.
Trabalho noite e dia;
Vou para o campo logo ao romper da aurora.
As árvores cheias de folhas e flores
Dão o mel às Abelhas
E alegria aos lavradores.

Cândida C. da Cunha
17 anos



Tribuna do ausente

ECOS DO EMIGRANTE

Calvi 11/3/77

À Direcção do Jornal — Voz de Antas

Cumprimento-vos antes de mais, a todos desejando que se vos proporcione da maneira mais agradável.

Quero agradecer a vossa amabilidade da atenção que tivestes para comigo fazendo chegar até mim as novas da nossa terra através do sempre bem recebido — Voz de Antas — no qual vejo todos os pormenores e ocorrências da freguesia e muito em especial as obras em curso: nomeadamente, igreja, salão, residência, etc.

A comissão organizadora os meus parabéns, pois demonstram o gosto e zelo pela freguesia e fazendo para que todos nós os emigrantes, sempre que a visitemos a encontremos mais bonita e acolhedora.

Sem mais me despeço com os meus saudosos cumprimentos. A todos abraço.

Ernesto Pereira da Cunha

—

Orleans 30-3-77

Caro amigo Sr. Reitor:

Saúde é o que nós lhe desejamos junto à malta da nossa terra que nunca esqueçamos pois nós ficamos bons junto à malta de cá.

Cá recebi a sua carta já há bastante tempo e ainda não lhe respondi sabe é bem como o Sr. Reitor diz muito entusiasmo mas... os dias passaram. Sabe não é por nos termos esquecido pois nós nunca podemos esquecer a nossa terra mas a gente não sabe o que há-de dizer. Agora este mês ainda é assim e para o próximo número será melhor, pois nós mesmo mal sabemos escrever e nos exprimir infelizmente mas mal ou bem sempre há-de ir alguma coisa.

Sr. Reitor agora com respeito à Campanha da JAEOCA já temos vários sócios mas nós pedimos que reunissem a cota para não andarmos todos os meses a gastar

gasolina. Portanto estes sócios são por um ano vai a lista junta e também vão alguns assinantes da «Voz de Antas».

Ainda com respeito à JAEOCA vamos ver se arranjamos mais sócios pois já temos feito muitos quilómetros mas a maior parte não os encontramos em casa portanto continuaremos a vossa disposição.

Desejava que explicasse as regalias dos sócios.

Ainda outro assunto que a maior parte dizem não estar de acordo a respeito da soma restante que foi pedida para a falecida Rosa Mota para ajuda da traslação para Portugal, dizem que essa soma que seria bom arranjar a sepultura caso não esteja feita e o resto para missas isto são opiniões de várias pessoas que temos encontrado.

—

Nemours 29/3/77

Ao Padre Brito Ferreira e a todos os conterrâneos de S. Paio de Antas desejamos uma feliz saúde, pois nós neste país de emigrantes onde se encontram todas as raças, contentes ou não, bem ficamos.

Desde já pedimos as nossas máximas desculpas por ainda só hoje vos escrevermos; não é porque não pensamos em vós, mas como somos de raça que até para os familiares mais chegados somos preguiçosos para escrever, para os outros ainda pior, mas até que enfim, e como se costuma dizer mais vale tarde à fonte que nunca à casa.

Quando a novidades, é mais um do casos que pouco nos leva a escrever, porque novas daqui há poucas ou nenhuma. Trabalha-se toda a semana porque é a obrigação de cada um de nós, pois esperamos o mês de Julho ou Agosto para ir visitar os nossos familiares e amigos desse cantinho tão lindo nomeado S. Paio de Antas.

Padre Brito, cá nos achamos satisfeitos por recebermos o nosso jornal «Voz de Antas» onde nele vemos

todas as novidades da nossa terra. Ainda nos recordamos das palavras que o Sr. Padre na sua visita a França nos disse «mesmo que ninguém queira pagar para o jornal Voz de Antas, não acabará, ainda que seja eu só a pagá-lo». Ora sentimo-nos contentíssimos porque não diminuiu, mas sim aumentou; quer dizer que os assinantes ou melhor os amantes leitores do jornal são cada vez mais.

Padre Brito, cá lemos o último número do jornal onde havia umas frases que diziam respeito à nossa querida conterrânea que em França entregou a alma a Deus quando vinha para passar com o seu filho as festas do Natal. Como o Sr. P.e sabe fomos nós em Nemours que nos ocupámos de fazer o pedatório: Ora foi combinado com o Albino Sampaio o seguinte — se houvesse ao fim saldo positivo seria feita para ela uma sepultura em nome de todos os emigrantes. Vendo as contas há um saldo positivo de 4.717.00 francos; ora qual foi o nosso combinado? as opiniões dos conterrâneos de Nemours são estas: a sepultura tem que ser feita pois o dinheiro chega e sobra. Sr. Padre infelizmente já batemos à porta de conterrâneos e sem ser conterrâneos, e pouco ou muito, com ou sem vontade todos davam alguma coisa.

Estamos decididos a que isso acabe, pois é uma coisa que deve ser resolvida com todos os emigrantes de S. Paio de Antas e quanto antes; ora isto devia ser transmitido a todos através da Voz de Antas.

Em cada Vila de França onde haja gente de S. Paio devia haver uma Associação com uma lista dos nomes de todos os que quisessem ser sócios, isto por famílias pois não vamos por nomes de pais mães e filhos.

Em Nemours nós estamos aqui para nos ocuparmos disso, mas no caso de haver outras pessoas com mais vontade ou mais competentes que nós, não nos chateamos.

Esperamos que estas coisas sejam publicadas no pró-

ximo número do jornal aguardamos opiniões.

Finalizámos pedindo desculpa por todos os erros mas nós em França, somos pedreiros.

Páscoas Felizes—Pela Equipa: — Manuel Fernandes Lopes — Armando Matos Rolo

—

Ris Orangir 11-3-77

Senhor Reitor desculpe me não lhe ter escrito mas em primeiro é desmazelo e em segundo não temos cá novidades para mandar como já quase todos sabem as novidades de cá são sempre as mesmas e se as fossemos a contar tínhamos muito que dizer. Senhor Padre, então quando é a nova visita a França. Esperamos que seja para breve não se esquecendo cá da rapaziada sem mais envio-lhe os meus cumprimentos e de todos aqueles da minha região.

Pela equipa: António Viana da Cruz

—

Calvi 11-3-77

Ao jornal — Voz de Antas

Pelo que vejo a nossa revolução de 25/4/74 tem-nos trazido um franco progresso. Até ali ninguém se ouvia falar de política, enquanto que agora até mesmo as crianças estão politizadas. É o que eu vejo numa carta publicada na página 8 do nosso jornal. Chamou-me realmente à atenção e segundo o seu resumo o autor procura liberdade e proclama sobretudo a democracia. Pois bem; dentro disso eu não vejo qual a razão de não dar o mesmo direito de existência ao partido Comunista que dão a um C. D. S. a um P. S. D. etc.

Se assim é eu gostaria de ver o futuro de Portugal sem a oposição dum partido como o P. C. P. ou doutro qualquer. Segundo ele os Comunistas poderão ser todos lançados ao fogo e eu então depois disso diria quanto tempo demo-

caria a Portugal a encontrar-se debaixo duma ditadura mais fascista que a anterior, não precisava de mais duma dúzia de anos.

Gostaria de ver também os feitos de outros partidos as vantagens e desvantagens citadas ao lado daquelas que no último jornal citaram a propósito do P. C. P.; pois só assim considero que haja democracia e liberdade.

Tantos pormenores foram citados acerca da vida na Rússia! E porque não da vida na América; será que essa não tem interesse?

No meu tempo e à idade de 10 anos limitavam-me à geografia Continental ou seja de Portugal, ora estamos noutro tempo e os conhecimentos são outros no que diz respeito a geografia internacional e até há liberdade de se fazer exame apenas àquela que mais nos convém.

Eu por exemplo, quando ouvi falar em política, disseram-me que isso se referia à maneira de melhor conduzir um país; mas que para isso era preciso conhecer um pouco de cada partido político; agora julgo-me enganado olhando a que apenas vejo críticas um partido, não sei se só estudaram esse ou se outros serão todos bons. Se quiserem respondam-me.

Ernesto Pereira da Cunha

Nota da Redacção

«Voz de Antas» não tem fins polémicos, nem tão pouco politiqueros de politiquices. Sabe que a verdade é revolucionária. É o que é, quer venha da Direita quer da Esquerda. Põe os pontos nos iis. É a propósito do que se escreveu no jornal (n.º 3, pág. 8) foi apenas a transcrição de uma redacção que a professora de Português indicou aos alunos subordinada ao tema: O que eu penso do Comunismo. E pronto, a criança de 10 anos, retornada do Ultramar, disse o que pensava do Comunismo. E do que disse, sabemos nós que infelizmente é verdade. Foi pena a professora não ter mandado fazer outra sobre: O que penso do Capitalismo.

E fica se expi

Ora regras não é jamos:

Não pelas (se concl pode e com o

As ár los frut ções. N homens las obr inspirai

Dizer respeito As obr tamentas. O um dos res da de verd monstr.

Reco

Só n: 1939, o 11 bisp cerdote 60.000 cendiar de igr

Na I lica fo mida, (assassi

Na I tónia, Rússia sapare tros fo

Na F tes for 700 en concen

E p encont estes : da res rica. S conhec do jor

Adn tal cri da an

— Ó 2 bur dia-me liberda

— C Mor E ei-l

Emigrante!

E ficaríamos a saber como se exprimiria...

Ora quem não respeita as regras do jogo democrático não é democrata. Senão vejamos:

Não é pelas palavras, mas pelas obras que as pessoas se conhecem. O que se diz pode estar em contradição com o que se faz.

As árvores conhecem-se pelos frutos. Assim as instituições. Não valem pelo que os homens dizem delas, mas pelas obras que elas mesmas inspiram.

Dizem que o Comunismo respeita a liberdade religiosa. As obras desmentem completamente uma afirmação destas. O Comunismo tem sido um dos grandes perseguidores da Igreja. Esta é a grande verdade que os factos demonstram.

Recordemos alguns:

Só na Espanha, de 1936 a 1939, os comunistas mataram 11 bispos, mais de 10 000 sacerdotes e religiosos e uns 60.000 católicos. Também incendiaram muitas centenas de igrejas.

Na Rússia, a Igreja Católica foi praticamente suprimida, e mais de 3.000 padres assassinados.

Na Lituânia, Estónia e Letónia, países anexados pela Rússia, 1.000 sacerdotes desapareceram e todos os outros foram assassinados.

Na Polónia muitos sacerdotes foram fuzilados, mais de 700 encerrados em campos de concentração etc.

E por aí fora!... Ora não encontramos dados que como estes se possam comparar e da responsabilidade da América. Se o autor da carta os conhecer, temos as páginas do jornal ao dispor.

Admite-se a hipótese de a tal criança se ter lembrado da anedota:

— Ó compadre, como tem 2 burros e eu nenhum, podia-me dar um. Estamos em liberdade. Somos comunistas.

— Correcto, compadre.

Morre o porco ao primeiro. E ei-lo a correr a casa do

compadre a quem cedeu o burro.

— Ó compadre, morreu-me o porco. Como tem 2 pode dar-me 1.

— Tenho pena compadre, mas por enquanto o comunismo é só para os burros.

Jargeau 5-4-77

Snr. Reitor

Esta pequena página é escrita, não para ser publicada em «Voz de Antas» mas simplesmente para o informar de que tenho em meu poder duas cartas de Vossa Reverência as quais lhe agradeço, e vou (ou antes) vamos tentar conseguir o que lá nos pede. O Bino leu as cartas e ficou logo encarregado de falar ao Frère Marcel, pois ele tem mais facilidade de o encontrar do que eu.

Como vê os sócios contribuintes para JAEOCA apresentaram-se.

Quanto aos artigos em francês a respeito da emigração cá ficaremos à caça deles. Esse que enviamos desta vez é tirado da revista (Presença Portuguesa) que embora seja em português traz de vez em quando um página em francês como pode verificar. Acharmos que teria interesse e por isso enviámo-la. Se vir que vale a pena aproveite. Da mesma revista colhemos também esse recorte de Rádio França, que V. R.ª fará como bem entender.

Receba cumprimentos dos meus pais e de toda a Comissão correspondente.

Boas Festas de Páscoa.

Maria Isabel

P. S. Esta semana seguirá em seu nome e por vale do correio o dinheiro dos sócios da JAEOCA.

Inscreveram-se como sócios contribuintes da JAEOCA.

Pagaram por um ano

António da Cruz Viana, 25 Francos; Maria Cândida Aze-

vedo Sá, 25 F; Albino Sampaio, 24 F; José Cassiano Sampaio, 24 F; Manuel Bnes, 24 F; Armando Bnes, 24 F; Cândido Bnes, 24 F; Maria Adélia Bnes, 24 F; José da Cruz Viana, 24 F; Eduardo da Cruz Viana, 24 F; Manuel Fernando Viana Sampaio, 24 F; Maria Amélia Coelho da Cunha, 23 F; Raúl Sampaio da Cruz, 25 F; Otilia Rolo Neiva, 24 F; Helena Rolo Neiva, 24 F; Maria Lúcia Saleiro Sampaio, 24 F; Maria Isabel Saleiro Sampaio, 24 F; Manuel Augusto Saleiro Sampaio, 24 F; Maria Fernanda Torres Lopes, 24 F; Maria Adelaide Torres Lopes, 24 F; Lúcia Cândida Torres Lopes, 24 F; Natália Novo, 24 F. Manuel José Sampaio, 24 F.

seis meses

Abel Viana, 12 F.

Pagam mensalmente

Albina Novo; Josefina Novo.

Rádio França transmite em Português

A Rádio França internacional iniciou a transmissão de um serviço especial em português destinado ao nosso país (continente e arquipélago dos Açores e Madeira).

Os programas serão transmitidos das 21.15 às 22.15 horas, nos comprimentos de onda de 41 e 49 metros. O jornal sonoro, que será transmitido diariamente, incluirá, além do noticiário de actualidade francesa e internacional, entrevistas, reportagens, debates, um magazine dedicado aos emigrantes e ainda lições em francês.

Na sua emissão inaugural, transmitiu uma entrevista com o embaixador de Portugal, Coimbra Martins, em que foram focados vários aspectos das relações culturais e económicas de Portugal com a França e ainda a nova projecção do nosso país na cena internacional.

Emissão para Portugal Rádio França Internacional B.P. 9516 - 75016 Paris

Pela causa do ensino da Língua portuguesa em França e alertando a consciência dos pais

Fala uma professora

O ambiente, o país, o local onde o homem vive e actua não comandam tudo, o homem também por sua vez dirige o ambiente.

Queria falar-vos de uma realidade histórica, que não é a história do desfiar de uma lista de monarcas e princesas, ou de armas e cavalgadas mas a de muitas e muitas famílias que tiveram de deixar o seu país para conseguir a comida, a casa, a roupa...

Partiram e a sua existência tornou-se num sentido (monetariamente) mais clara. Contudo não devemos esquecer que na vida, o dinheiro não é o único objectivo. É preciso instruímo-nos e saber inserirmo-nos na sociedade de que fazemos parte, entre muitas outras coisas.

O emigrante beneficia das mesmas regalias que um nacional do país para onde emigrar. A escola oficial é também obrigatória para todas as crianças estrangeiras e muito bem, pois a escola ensina e ajuda a formar os homens para que cada um possa saber aquilo que é e encarar a vida que se lhes depara cheia de mistérios.

A escola dá-nos os limites do nosso papel na sociedade e o sentido dos nossos deveres.

Somos emigrantes e como tal não devemos esquecer que também temos uma cultura e a nossa própria língua.

O Governo Português tem-se debruçado sobre este assunto. Tem enviado professores para todos os países onde há emigrantes e particularmente para a França, onde um maior número deles se impõe.

Infelizmente, muitas pessoas, não conseguiram ver ainda a grande fonte de riqueza que lhes puseram ao dispor, deles e dos seus filhos.

É uma fonte que lhes fala do seu país, da sua língua materna, cultura e tradições. Os pais não devem esquecer o grande dever que têm para com os seus filhos, fazer-lhes amar o país e a língua materna. Devem também encorajá-los a ir à escola portuguesa. Tem de haver consciência de que está em jogo o futuro de uma personalidade e no conjunto do país (Portugal), toda uma geração, se não gerações e gerações que se podem contaminar pelo «não-querer-saber» do seu país.

Pensemos ainda, que nem todos têm ao seu alcance uma escola para poderem colher lá, os frutos da sua Pátria.

Aqueles que a têm devem, portanto, guardá-la como se

fosse uma relíquia herdada dos avós.

Há pais que, constantemente, se dirigem ao Ministério da Educação Nacional português a pedir professoras para os seus filhos. Há-os todavia, que já os têm, que poderiam pois mandar os filhos à escola, mas que o não fazem. Isto é injusto para uns e vergonhoso para outros.

Maria do Céu Peixoto
Professora do Ensino Primário Português em S. Benoît /S/ Loire

Sócios «JAEOCA»

Mário da Cruz Viana Meira, 50F; Manuel da Cruz de Sá, 30 F; Armando Pires Vieira, 50 F; Jaime Sá da Silva, 25 F; Ana Pinto, 25 F; José Sá da Silva, 30 F; Do Vale Guilherme, 50 F; Arezes Ramiro, 40 F; Maria Erene de Azevedo Moreira, 50 F; Augusto Soares, 25 F; Horácio Azevedo Laranjeira, 50 F; Manuel Joaquim P. Azevedo Laranjeira, 50 F; Mário Azevedo Sá, 50 F.

Novos assinantes de «Voz de Antas»

José Sá da Silva, 20 F; José Sá da Silva, 25 F; Ana Pinto, 25 F; Manuel Rodrigues Coutinho Bedulho, 20 F; Manuel Azevedo Torres, 25 F; Cirilo Lourenço de Faria, 20 F; David Rolo, 95\$00; Pereira Martinho, 30 F; Arezes Ramiro, 40 F; Manuel Pires Vieira, 30 F.

Sr. Reitor mande dizer se quer que envie o dinheiro para o Banco ou se quer que o leve em Francos. Mandar dizer para eu o enviar ou levar.

Por hoje vai ser tudo. Só tenho a dizer que CONTE CONNOSCO.

Desejamos que passe umas Boas Festas de Páscoa junto a todos os conterrâneos que nós se Deus quiser vamos ver se passamos umas Festas alegres embora um pouco de pensamento sempre do que se passa aí. Adeus.

Um aperto de mão destes amigos ao dispor:

Manuel Joaquim Laranjeira
Horácio Laranjeira e Mário Meira.

Enseignement de la langue Portugaise

Le développement du portugais est freiné au moment où il faudrait apprendre cette langue à un plus grand nombre d'étudiants. Notre pays aura besoin dans un délai assez bref de cadres parlant cette langue pour répondre aux besoins de la coopération économique, technique et culturelle puisque le portugais est devenu une des grandes langues de communication internationale.

Miradouro

(Conclusão da 4.ª pág.)

Nós sabíamos que assim é que devia ser sempre. Foi nesse jeito que nos ensinaram. São essas as palavras divinas. «Faz ao teu semelhante...»

Mas quantos aprenderam a mesma lição e dela nem a recordação vaga ficou?

Sou, por assim dizer, um novato na freguesia, como que um forasteiro. Andei por muito longe, vi muitas gentes, conheci costumes, hábitos, maneiras de ser e estar no mundo.

Vi de tudo um pouco. Em alguns casos também vi solidariedade humana. Sempre gostei de observar e colher ensinamentos. De todos eles procurei extrair o que de melhor tinham e alimentar o espírito para poder transmitir ao meu semelhante, em palavras e actos aqueles ensinamentos ou a experiência colhida.

Pois ali estava mais um, enorme, maravilhoso, simples e natural!

Mas porque me espantei?

Já viram quanto egoísmo, nestes últimos tempos, prolifera por este nosso rincão, do Minho ao Algarve? Notaram o tom agreste, desconfiado, por vezes contudente, usado ultimamente por portugueses? Por gentes da mesma freguesia entre si? Notaram que a solidariedade humana passou a ser, em muitos sítios do nosso país, um fantasma indesejável? Que o medo ocupou lugar nos corações?

Foi por isso. Foi por saber da tristeza de condutas que vêm por aí, que ao deparar com aquele cortejo e seus objectivos, me espantei.

Que saboroso ouvir aquela explicação!

Afinal só vinha confirmar, mais expressivamente o que já sabia do povo desta tão acolhedora e simpática freguesia de Antas.

As suas gentes tinham um coração bom. Não contaminado pelo ódio, pela maldade, pelo egoísmo. É gente de verdade!

Voltei a olhar à minha volta. Aquele ar puro, o sol radioso, a paisagem divina, só podiam encontrar paralelo, só podiam ser comparados aos corações destas gentes. Ali estava o espelho de Deus! Para além do fervor que dedicam ao Criador, pensam no seu semelhante, dispensando-lhe ajuda, carinho, amparo.

Que melhor poderíamos desejar?

As lágrimas assomaram-me aos olhos.

Ainda com eles turvos, dei comigo em corrida a apanhar os carros que já lá iam adiante e juntei-me à caravana.

Passei a ser mais um entre tantos e tantos. Não saberia fazer as coisas tão bem como eles. Faltava-me a experiência... Mas a vontade, o veemente desejo de também dar uma mão, (talvez mais o coração), encheu-me de alegria.

Ali estava eu, carregando carros. Procurando imitar os mais sabidos, ajeitando o melhor possível. Mereci sorrisos condescendentes...

Os carros iam e vinham. Era muito mato. Foram várias as viagens, que se estenderam pela noite adiante. Debaixo dos vastos pinheiros a alegria era comunicativa.

O Sol começou a perder o brilho, pela tarde que findava.

O Sr. Fulano, de olhar suave no seu rosto curtido, porte erecto, determinante, mudamente agradecia. Entendeu dever terminar o dia com um convívio em sua casa, em verdadeira alegria, variando as conversas entre os bons manjares e as peripécias dessa tarde alegre.

Foi para mim, na realidade, um dia feliz!

Na minha inocência, ia perguntando quando seria o próximo beneficiado. «Seria algum dia quando surgisse outro apelo...»

Mas afinal fui verificando que «esse dia» eram quase todos os dias seguintes...

Discretamente, modestamente, eles surgiam aqui e ali, com a naturalidade deste povo que entende que para além de uma obrigação — ajudar o seu semelhante — é a forma de viver, de trabalhar para si próprio!

A vida, por si só, é dura nos campos. É exaustiva. Mas assim, até é suavizada espiritualmente... e o bem espiritual é alimento indispensável ao corpo e às relações humanas.

Quantas vitórias, quanto bem estar, quantas alegrias seriam alcançadas, se neste pobre país o exemplo fosse seguido por aí...

EURICO

Acção Católica

Sua Santidade o Papa Pio XI vendo a grande necessidade dos leigos para colaborar com a Hierarquia em todas as camadas sociais, fundou um movimento a nível mundial ao qual deu o nome de *Acção Católica*.

Foram fundados, mais tarde, os cinco organismos dependentes da *Acção Católica*, que compreendem a Juventude, abrangendo todos os meios. Assim temos:

JAC — Juventude Agrária Católica — organismo do meio rural.

JEC — Juventude Estudantil Católica — organismo do meio estudantil.

JIC — Juventude Independente Católica — Organismo destinado às pessoas independentes, isto é, que não trabalham fora de casa.

JOC — Juventude Operária Católica — Organismo do meio operário.

JUC — Juventude Universitária Católica — Organismo do meio universitário.

Em 16 de Novembro de 1933 tornou-se pública a carta do Santo Padre Pio XI ao Em.º Cardeal Patriarca de Lisboa, que por vontade expressa do Episcopado Português, era o seu representante para assuntos da *Acção Católica*. Esta data é, por conseguinte, grandiosa para cada um dos filiados nesta tão prestigiosa organização.

Para a JAC, como para os demais organismos do meio popular, ela marca o começo duma nova era, em que, de maneira oficial, foram chamados a dirigentes, elementos do próprio meio, portanto, leigos, com responsabilidade no que se refere a examinar, discutir, deliberar acerca dos diversos assuntos que fazem parte do seu progresso de acção.

Portanto, a A. C. foi fundada em Portugal à 44 anos.

Em ANTAS, a A. C. foi fundada em 1938 portanto à 39 anos, sendo das primeiras freguesias do nosso concelho onde se organizaram as secções dos movimentos juvenis.

O primeiro assistente da nossa secção da A. C. junto de nós, foi o Rev. P.e António Dias Ferreira, então pároco da nossa freguesia, que lhe dispensou sempre o melhor do seu esforço, acompanhando e orientando com os responsáveis os trabalhos das secções.

Para que os elementos fossem bem preparados para os cargos que iam exercer como responsáveis, houve uma semana de pregações na nossa terra, para jovens, sob a orientação do Rev. P.e Domingos Gonçalves que, de Braga se deslocou propositadamente aqui para o efeito.

Em 1940 ficaram as duas secções oficializadas, sendo nessa mesma data benzidas as suas próprias bandeiras. Mais tarde foram também

integrados nos quadros da A. C. os movimentos das adolescentes a que as Direcções Nacionais e Diocesanas deram o nome de Benjamins, que funcionaram durante vários anos, na nossa terra.

Em 1957, portanto à vinte anos, fundou-se na nossa terra mais uma secção da A.C., a L.A.C.F. (Liga Agrária Católica Feminina) sob a orientação do nosso Assistente Rev.do P.e Apolinário Pereira Rios que era então o Pároco, depois de um ano de preparação com as responsáveis, sob a sua orientação. A LACF é o único organismo da A.C. hoje existente na nossa terra.

Na festa da Imaculada Conceição, 8-3-76, fizeram a promessa como responsáveis

desta secção, os seguintes elementos:

PRESIDENTE:

Maria da Cruz A. Saleiro

VICE-PRESIDENTE:

Maria Saleiro Barros Viana

SECRETARIA:

Amélia Pires Lapeiro

TESOUREIRA:

Virginia Maltez Torres

ENCARREGADA DO JORNAL:

Umbelina Dias Pereira

RESPONS. DA E. REGIONAL

Maria Rodrigues Dias

A. A. C., no pensamento

(Conclui na 9.ª pág.)

CONTO

Ruínas de outrora

P.º DR. ADÉLIO TORRES NEIVA

Foi em pleno Agosto, à tardinha. Subia eu indolentemente uma bestega escabrosa, apertada entre duas bouças de mato, apreciando o silêncio daqueles ermos e respirando o ar puro daqueles cerros. Nem alma viva por aquelas paragens!

Os pinheiros, graves, misteriosos, cochichavam entre si, segredo que eu não compreendia; as lagartixas olhavam-me de soslaio e depois esgueiravam-se por entre os penedos, que me espionavam, abafados pelas silvas, à beira do caminho e uma cigarra, ali mesmo, junto duma moita, sentindo os meus passos parou de cantar. Tudo fugia, tudo me deixava na solidão daqueles ermos. O próprio sol, travesso e galhofeiro, zombava de mim, piscando-me o olho por entre as faulhas dum abeto. Só um par de rolas menos discreto, turturinaava baixo, correspondendo-se nos seus amores, pensando talvez, que eu não ouvia.

Dobrava eu nesse momento, a esquina duma azinhaga, quando me surpreende uma velha muralha, atufada em musgo, prestes a desmoronar-se e a desabar. Ao centro arqueava-se um velho portão, escancarado, anacrónico, debruado de silvas, em cujo topo um escudo, completamente abafado por verduras silvestres, de onde pendia, excismando, triste e pensativo, um pedaço de crepe desbotado, atestava aquelas relíquias serem ruínas do solar dum fidalgo antigo.

Entre curioso! Deparou-se-me então um terreno completamente sáfaro, salpicado de tojos e de pedregulhos, onde sardões e lagartixas dormiam sossegadamente ao sol; um pouco à frente, erguiam-se, trôpegos, os restos duma alcáçova medieval. Avancei! Ia a entrar naquele lugar desmoronado quando uma galinha se escapa por entre as minhas pernas, a cacarejar. Lembrei-me então, se alguém habitaria aquelas ruínas e não quis entrar.

Bati as palmas; uma coruja fugiu espavorida, dum buraco da parede. Bato de novo as palmas! ninguém! — Ó da casa! Eh lá! Ó «se» Mariquinhas! Nada! Lá adiante a galinha cacarejava ainda.

Decidi-me e entrei, vacilante. Subi por umas escadas de pedra, mal seguras, sujas pelos pardais e babadas pelos répteis. Surge-me uma entrada mal tapada por uma tábuca velha que servia de porta. Bato devagarinho! Silêncio! Empurro cautelosamente e, zaz! a porta esborracha-se no chão com um ruído cavo e seco. Assustei-me, quis fugir, mas, eis que, lá dentro vejo brilhar uma luzinha trémula, pálida, mortíca!

Era uma lamparina, que pendendo do tecto por

(Conclui na 9.ª pág.)

Eu sei que vou ressuscitar!

Que coisa maravilhosa eu saber que vou ressuscitar!

Nasci no dia 31 do mês tal do ano de mil novecentos e tal, mas agora, nunca mais acabarei! A minha vida nunca mais terá fim! Sofrerei algumas transformações, mas acabar? Nunca mais! Vivei sempre. Aqui, ou noutro lugar. Ou melhor, aqui e noutro lugar. Ah, sim, e então a morte?...

Há alguém que sabe muito bem acabar com ela. Vencê-la. Provou-o perfeitamente. Alguém que era homem, mas que fez coisas espantosas que nem os homens do seu tempo nem os de hoje, apesar de tão cultos e avançados, eram ou são capazes de fazer. Coisas tais que temos que pensar que não era só homem, tinha que ser alguma coisa mais, muita coisa mais. Pois esse Alguém foi capaz de ressuscitar gente... Não disse só, fê-lo. Foi o filho da viúva de Naim, prostada de dor pela perda do seu tesouro. Foi a filha de Jairo. Foi o seu amigo Lázaro, morto há 3 dias, e de quem as irmãs diziam — Senhor, já cheira

mal — já estava a apodrecer (3 dias!) E Ele soube fazer o serviço. Mandou só. E o seu amigo, enfaixado no sepulcro, regressou à vida e levantou-se, e continuou com os seus. E tanta gente viu e deu testemunho. Não são lendas, é a História. E curou, sem injeções nem análises, radiografias ou operações, leprosos, cegos, paráliticos, etc...

Depois de tudo, fez a coisa mais espantosa, mais incrível:

RESSUSCITOU-SE A SI MESMO!...

Depois de morto e bem morto — 3 horas a escoar-se em sangue por cinco buracos — dois nos pés, dois nas mãos e um no peito foi guardado no sepulcro. Durante três dias ali ficou. Com uma grande pedra por cima. Pelo costume, ao fim de 3 dias já havia de estar a decompor-se. Mas Ele tinha prometido. «Destruí este templo e eu o reconstruirei em três dias». Não foi uma gabarolice como alguns pensam... Ele cumpriu. Mais uma vez provou que não era um vi-

garista. Que cumpria a sua palavra, pois tinha poder para a cumprir. Os que O viram cá fora, de novo vivo e são, (tão são que comeu com outros homens) ficaram estarecidos. Eles em geral acreditavam no Senhor. Mas às vezes duvidavam. Como nós, por vezes acreditamos e duvidamos ao mesmo tempo. Mas diante deste, não puderam duvidar mais. Ali, tiveram a certeza. Todas as certezas. Ressuscitar os outros, na verdade, é assombroso. E Ressuscitar-se a si próprio? Esvair-se em sangue, morrer aos olhos de milhares de pessoas, estar três dias no sepulcro e sair de lá, por sua própria força, e aparecer a tantas pessoas que viram, que o testemunharam, tão são que até se alimentou?

Aqui foi a certeza. Não duvidaram mais. Acreditaram que quem fez coisas tão assombrosas não podia enganar ninguém. Cristo provava que falara verdade. Tinha posto o selo.

Naquele acto final da sua vida entre os homens, o que Ele ensinou e provou!

Pôs o remate na sua doutrina de Amor e Perdão.

Mostrou que quem ama, ama até ao fim. Até dar a vida, prova máxima do Amor!

Provou que sabe ressuscitar gente, seja a quem for, mesmo a si próprio.

Provou que cumpre o que promete, que não engana ninguém.

Que as orientações que pregava nos três anos anteriores, também se cumprirão ponto por ponto.

Que a sua lei que se resume nas Bem-aventuranças e se concentra nos Evangelhos, é uma lei muito séria que importa cumprir para que a vida na terra, ao ser transformada na Vida que não acaba, o seja para o prémio, não para a dor do arrependimento sem remédio.

Finalmente, os discípulos não duvidaram mais. As multidões deram testemunho da verdade, e tantos selaram com a própria vida a sua certeza.

A 1977 anos de distância, pensando bem na Ressurreição de Cristo, também nós não podemos duvidar mais. Temos a força e a certeza da Verdade.

Ele prometeu. Ele sabe como fazer. Ele cumpriu. Ele cumprirá. Nós ressuscitaremos. Vale a pena preparar com cuidado a Vida que não acaba, amando, ajudando quanto se possa os Irmãos que vemos, crescendo no Amor de Deus que não vemos, mas veremos e então, será a VIDA.

Ruínas de outrora

(Conclusão da 8.ª pág.)

um cordel, tremuluzia naquele cubículo escuro e cujos broxoleios brincavam sobre uma cruz de pedra pregada na parede, deixando ver uma inscrição que não conseguiu decifrar.

De súbito, mão misteriosa prega-me uma bofetada na cara. Arripiado, voltei-me! Um morcego volteava doidamente em volta da luminária.

Um tanto medroso abandonei aquela caverna, desci para o patamar, onde dançava uma leve réstea de sol, coada por entre as fendas da muralha. Pachorrentamente, uma cobra mergulhava-se numa frincha da primeira escada.

Tudo o resto era um monte de ruínas, um alcácer completamente abandonado.

Atravessei um monte de cascalho, e eis-me do outro lado do solar. Junto ao muro, aninhava-se, entre giestas floridas, um velho casebre de madeira, por entre cujas telhas enegrecidas, se escapavam subtis fiozinhos de fumo. Ao lado uma santa velhinha, sentada sobre uma pedra, sumida na imensa roda da sua saia velha, pelasurchas e encarquilhadas, com uma roca na mão, parecia fiar. Um chapéu de palha parecia descansar sobre um esfarrapado xaile, embiocado na cabeça, onde o sol batia de mansinho, e, ao lado, uma cabra ruia as folhas das silvas. Aproximei-me! A velha continuava imóvel, estática, olhos fixos no chão.

Do pescoço pendia-lhe um rosário de grossas camândulas e na mão direita, descansava a roca. Tossi! Limpei o pigarro! Nada! A velha nem sequer para mim olhou. Confesso que me arripei ao lembrar-me se estaria na presença de alguma bruxa ou fada encantada.

— Boa tarde, santinha! — disse resoluto. A velhota estremeceu, assustou-se e olhou-me desnorreada. Compreendi então que ela tinha estado a dormir.

— Boa tarde. Desculpe se a incomodo.

— Muitas boas tardes, dê Nosso Senhor a vossa Senhoria (ela dizia «vossoria»).

— Diz-me de que solar são estas ruínas?

— «Vossoria» não sabe?

— Não; minha senhoria ignorava tudo.

— Olhe meu senhor. Isso é uma história muito comprida. «Vossoria» vem comigo e eu lha conto.

Levantou-se, fincando-se numa muleta de pau, festejou a cabra com um «miquinha» familiar e entrou na cabana.

Na lareira, entre cinzas, repousava uma tijela numa trempe velha e manca; uma banca corroída, sebenta e defumada segurava uma cantarinha com uma asa partida. Da parede pendia uma candeia de ferro e ao lado, uma enxerga erigida de palhiço, velha e rota, onde um gato rosnavava surdamente, segurava uma dobadoira. Junto da cabeceira sobressaía um retrato carcomido, dum rapaz novo, uns ramos secos de oliveira e um quadro velho, já não sei de que santo.

Ela poisou a roca na dobadoira, enxutou o gato, limpou o nariz à ponta do avental, mandou-me sentar na enxerga, alapou-se ao meu lado e começou assim:

— «Vossoria» não sabe? Acolá, naquela salinha (e apontou para as ruínas do solar) estão os ossinhos do meu «home». Deus lo perdoe. Foi o Justininho que o matou por causa dum namoro».

E contou-me a história trágica, horrível, daquelas ruínas, história duns amores de fidalgos antigos, que terminava tragicamente por um crime horrendo.

— «E—terminou ela—Vossoria, não sabe? Todas as noites a alma penada do Justininho, entre a meia noite e a meia hora, anda por aqui a «barregar» e a uivar toda coberta de branco, a pedir desagravo ao meu «homezinho» Deu lo perdoe».

A tarde caía. Tristezas elegíacas espriavam-se por aquele silêncio meditativo. Uma saudade melancólica vagueava pelos ermos daquela encosta. Para as bandas da minha aldeia ouvia-se a melodia trémula de um píforo e pela tarde que esmaecia indolentemente o bater das trindades.

Transpus, apressado, o limiar do portal. Nesse momento a velha subia o solar arruinado, com almotolia na mão, indo, talvez, deitar azeite na lâmpada que ardia na salinha, junto das cinzas do seu marido.

E o céu crivava-se de estrelas.

FIM

Acção Católica

(Conclusão da 8.ª pág.)

do Papa Paulo VI, é actual e necessária: «não foi ultrapassada — é insubstituível — Não está esgotada». Não foi ultrapassada: não foi inventado ainda algo de melhor, que seja mais eficiente, mais útil. — É insubstituível: tão necessária, oportuna e eficiente que nada pode substituí-la. Não está esgotada: é rica de possibilidades, cheia de energias, capaz de novos e insuspeitados progressos.

Como movimento de Igreja, a Acção Católica tem o âmbito da mesma Igreja e como esta, o direito e a obrigação de «instaurar tudo com Cristo».

Durante estes anos, a A. C. promoveu vários cursos e retiros de formação para jovens e adolescentes e adultos, colaborou sempre nas iniciativas culturais e na assistência aos mais necessitados da nossa terra. Muitos são aqueles que na nossa terra devem a sua formação moral e até cultural à A. C..

Este apostolado organizado, só frutificará, actuando sob a orientação da Hierarquia e se os seus filiados, comprometidos na evangelização do mundo, o fizerem a partir do testemunho concreto que derem como homens, presentes numa família, numa profissão, numa

instituição profana, na vida económica ou política.

Para tal é necessário não se esquecerem da sua oração aprendida no início da A. C.:

«Meu Senhor Jesus Cristo ofereço-vos este dia com todas as alegrias e tristezas, trabalhos e sofrimentos. Santificai a nossa vida no lar, no campo, na labuta e no descanso, concedei-nos a graça de vos amar sinceramente e de vos servir lealmente. Fazei Senhor que por nós o Vosso Reino se estabeleça na Terra Portuguesa. Que cada um de nós seja grão de semente da vossa verdade e conquistador de almas na caridade.»

Dai-nos a graça de sermos cultivadores da vossa seara para que nos campos de Portugal, toda a Messe seja recolhida por vós.

Fartalecei-nos em todos os perigos e tentações e dai a paz eterna aos nossos irmãos colhidos pela morte.

Sagrado Coração de Jesus abençoai o meio rural.

Sagrado Coração de Jesus santificai o meio rural.

Sagrado Coração de Jesus venha a nós a vosso Reino.

Rainha dos Apóstolos, Rogai por nós.

M. Rodrigues Dias

ALDA

"Memórias da nossa Terra"

P.^o Dr. Adélio

Pede-me o P.e Brito para abrir no jornal uma secção sobre a história, as tradições, os costumes e outras coisas que possam ter interesse para um melhor conhecimento da nossa terra. Foi, de facto, a «Voz de Antas», nos seus primeiros tempos, que me levou a investigar um pouco as andanças do S. Paio de outros tempos. Fiquei-me praticamente, à entrada, na pré-história da terra, porque entretanto o jornal perdeu o fôlego. Será pois com agrado que retomarei o fio à meada, até porque agora temos dois jornais na terra e é de desejar que nenhum acabe tão cedo ou que pelo menos não acabem os dois.

Investigar, porém, implica contacto directo com pessoas, arquivos e papéis velhos, que agora, longe da terra, não tenho à mão. Terei, portanto, que esperar pelas férias para voltar ao serão. Entretanto, poderei ir seleccionando alguns textos que falam do passado da nossa terra ou que com ela se relacionam. Não podemos, de facto, conhecer o passado de S. Paio, sem vasculhar um pouco as terras de Neiva, o convento de S. Romão, as tradições de Castelo do Neiva, as histórias de Vila Chã e até os cestos e gamelas de Forjães.

Começo por recordar as «Memórias» do P.e Bento que parouquiu S. Paio durante 34 anos, na segunda metade do século passado, e onde ele conta a história da nossa Igreja. «Voz de Antas» referiu-se já ao assunto, há anos, mas de certo, os mais novos ainda não sabem e os mais velhos já esqueceram. E a crónica é realmente pitoresca e interessante. Veio escrita no «Novo Cávado», nos meses de Agosto e Setembro de 1922. Foi de lá que eu a tirei.

I — «MEMÓRIAS DO P.E BENTO»

«No ano de 1878, no dia 21 de Dezembro, tomei posse como pároco encomendado desta freguesia de S. Paio de Antas, do concelho de Espoende, diocese de Braga; e o que era a Igreja? Era muito pequena e baixa e cheia de defeitos: a capela-mor era um nicho e torta; o arco cruzeiro era baixo e estreito; a altura da igreja era toda no correr da sacristia paroquial; o forro quase descia sobre a pardiadeira da porta travessa: a torre era uma porcaria de gato; tinha porém, duas coisas muito razoáveis: o altar do Santíssimo Sacramento que apesar de ter caído sobre ele uma mão de sapateiro, ainda assim se concertou, porque felizmente apareceram-se não todas, algumas peças que lhe tinham tirado, como foram as três que estão logo por cima do sacrário; a última

e algumas pirâmides não se acharam bem como se não sabe o figurado que lhe cortaram em volta, que devia ser bonito.

O altar do Santíssimo Sacramento sofreu esta judiaria: pregaram-lhe um cepo de castanho sobre a porta do sacrário para se poder amarrear a ele um indecente pavilhão, cortaram-lhe os cantos e não sei que mais. E para que fim? Para dar lugar a poder colocar-se ali uma imagem. A outra coisa muito razoável: são os três arcos de pedra que existem na nave do Santíssimo Sacramento, que não obstante serem ainda baixos, em vista do que se vê em algumas igrejas, são razoáveis. Ouvi dizer a alguns velhotes que esta nave e o altar do Santíssimo foram mandados fazer pela casa dos Cunhas.

O adro desta igreja era uma espécie de cortelho: tinha defronte da porta principal uma casa chamada da Fábrica onde se dava escola; tinha uma pequena varanda e debaixo dela uma retrete e quando a porta principal da igreja estava aberta, viam-se entrar para ali rapazes, «et reliqua» com as calças na mão e quando se

estava administrando o Sacramento do Baptismo e o vento estava mareiro, saboreavam-se ali nauseabundas pitadas. A casa tinha também a sua cozinha onde se fritavam as sardinhas para dar aos pobres em Quinta-feira Santa. Quando havia festividades era o dormitório das músicas.

Esta casa servia de vedação do adro pelo lado do mar e o resto era vedado por uma tosca parede matizada com magriços silvados. Havia por fora delas árvores avidadas e um atalho que vinha direito à calçada; e era por ali a servidão para a gente do lugar do Monte. O adro só tinha uma entrada a que chamavam Fojo e era para todos. Tinha umas cancelinhas de ferro, dois ciprestes, símbolos da morte, onde dormiam todos os pardais da freguesia e antes de vir a noite atormentavam o pobre pároco com o seu canto infernal.

O cruzeiro estava em frente às cancelinhas, num pequeno largo junto mesmo à casa dos Barbosas, em frente a uma cruz de pedra, que está à esquina da casa da Re-

(Conclui na 11.^a pág.)



Mesmo aos 97 anos continua a alimentar-se com a leitura da Biblia

Parabéns a você ..

Maria de Jesus R. da Silva Torrinha, nasceu na cidade de Braga em 31 de Março de 1880.

Frequentou a Escola Normal de Braga onde completou o curso de professora primária em 1901.

Casou com 23 anos de idade com António de Carvalho Torrinha, professor primário.

Foram para Vieira do Minho, leccionaram dois anos. Pediram transferência para a freguesia de S. Paio de Antas, onde esta trabalhou 27 anos na escola de Belinho —

Antas, numa casa que pertencia ao senhor Augusto Gonçalves Enes e últimamente dois anos e tal nas Escolas de Barão de Maracaná, lugar de Estrada. Cumpriu honrosamente a sua missão de professora, durante 31 anos; dois em Vieira do Minho e 29 nesta freguesia onde reside.

Reformou-se em 1938. Teve 18 filhos e completou 97 anos no passado mês de Março de 1977.

«Voz de Antas» saúda a simpática «jovem» e espera a data festiva dos 100 anos.

«O Testemunho de uma Família Cristã»

«O que Maria é na minha Vida»

Conclusão da 4.^a Pág.)

porque é uma Mãe, uma companheira, de tal modo que estabelece dialogo com Ela a propósito de todos os meus mais diversos problemas. Sinto-a mais perto de mim, mas apesar da sensação de «companheirismo» há como que uma certeza de que é poderosa porque recebe as minhas preocupações e fico com a sensação de que as pode resolver; e muitas vezes resolve.

Por outro lado é também uma fonte de preocupações. Vejo como é ofendida o que me leva a desagravá-la, rezando muitas vezes uma Ave-Maria quando vejo que está a ser ofendida. Por estranho que pareça sinto satisfação quando faço isto, porque me parece sentir como Ela também gosta. Em suma, há uma grande intimidade fruto de uma certa cumplicidade que criei entre Ela e a minha vida, resultado da grande confiança que tenho n'Ela.

António Noronha Andrade

7. Maria tem sido para mim mais do que uma Mãe, uma Confi-dente.

Por ela vai aferindo a minha consciência, funcionando como Padrão, pois conhece-me no mais íntimo e nada Lhe escapa.

Rui

8. Maria é a minha maior Amiga, a Intercessora por excelência. Para Ela corro nos momentos de aflição e n'Ela sempre encontrei a ternura da Mãe!

Margarida

9. Nossa Senhora, minha Mãe é a força da minha vida, o refúgio e o auxílio em todos os bons e maus momentos que a minha vida atravessa.

João

10. Nossa Senhora é a minha Mãe!

Teresinha

11. Depois de Deus, é Aquela a quem mais quero. Nossa Senhora, para mim é acima de tudo a Minha Mãe.

Paulo

12. Abro o meu coração a Nossa Senhora em todos os momentos triste e alegres da minha vida porque Ela é a minha Mãe!

Gonçalo

13. Depois de Deus, Maria é tudo na minha vida, Aquela a quem recorro em todas as minhas aflições, a quem confio todas as minhas penas,

M.^a da Glória Barros

14. Maria, Mãe de Deus é minha Mãe do Céu, vem preencher também o lugar vazio deixado pela minha mãe da Terra que o Senhor chamou a Si. Por Ela sinto uma grande confiança e um grande Amor.

Mena

15. Todos os dias falo com Nossa Senhora mas Ela é sobretudo para mim a Consoladora dos Aflitos e o Refúgio dos Pecadores.

Maria da Conceição

16. Maria é a grande Medianeira de todas as graças, o canal

pelo qual passam os favores de Deus. N'Ela encontra a resposta às minhas necessidades e a Ela recorro constantemente

Fátima

17. Vejo Nossa Senhora sobretudo como Mãe de Deus e porque é muito poderosa a Ela recorro em todas as coisas grandes da minha vida,

Maria da Luz

18. Toda a Vida tive muita devoção a Nossa Senhora sempre lhe reservei um lugar muito especial. Nesta reside toda a minha Esperança, para Ela vai toda a minha gratidão pelo auxílio único que me tem dispensado,

Vira

19. Perdi há muito minha mãe; depois de Deus Nossa Senhora é tudo na Vida. Ela ocupa simultaneamente o lugar da Mãe do Céu e da Terra. Espero por sua intercessão alcançar o Céu onde lhe poderei para sempre testemunhar o meu amor.

Conceição Rocha

"Memórias da nossa terra" Ressonância da nossa voz...

(Conclusão da 10.ª pág.)

sidência, cujo terreno foi depois comprado pelos Barbosas e Manuel Rato e hoje lhes serve de terreiro.

Quando havia festa, o trânsito era difícil entre a residência e as choupadas fronteiras, os padres mamavam o seu apertão e os pategos e as pategas, desses não falemos. Enfim, tudo era pequeno e mesquinho.

Na quaresma de 1879, o bom povo desta freguesia levantou a viseira e principiou aqui o progresso com o pé de gigante. O Excelentíssimo

Não há quem trabalhe

(Conclusão da 12.ª pág.)

de idade é de — 4 milhões; Restam para trabalhar — 2 milhões; O número de agentes e intermediários e de — 350 mil; Restam para trabalhar — 1 milhão 150 mil; O número de militares é de (sujeito a correção) — 250 mil; Restam para trabalhar — 900 mil; O número de directores gerais, hospitalizados, alienados, vagabundos, cauteleiros, oportunistas, vira-casacas e outros que andam de comércio em comércio é de — 800 mil; Restam para trabalhar — 100 mil; O número de mandriões, detidos, deputados e políticos é de — 99 mil 998; Restam para trabalhar — 2.

E quem são estes dois?

Um sou eu; o outro é você, meu caro! Creio que isto deve ser para nós dois um estímulo, um apêlo ao trabalho, ao progresso e desenvolvimento da Nação!

Temos, portanto de trabalhar! Mas a sério, meu caro, sobretudo você!!! Pois eu estou-me nas tintas para fazer sózinho o trabalho do País inteiro!

Mãos à obra, pois...»

(De «Paz e Bem»)

Bandas de música

(Conclusão da 12.ª pág.)

varam tão longe o nome da sua terra!

Não haverá, mesmo, pilotos que as levem a porto de salvamento?...

Comércio do Porto 13-4-77.

Nota da Redacção: Também a Banda da nossa terra se debate com idênticas dificuldades. Oxalá consiga superar a crise para continuar a elevar bem alto o nome da nossa freguesia, como sempre o soube fazer.

Senhor Barão de Maracanã comprou à Casa dos Cunhas o terreno fronteiro à igreja, desde o portão do cemitério até ao caminho público do lado do sul, pelo qual deu duzentos e setenta e tantos mil reis. O povo logo que foi conhecedor disto aparaceu com cara de páscoa, cortou tudo o que estava diante da igreja, tirou as paredes velhas, desfez um grande valado que existia depois de um balcão; como ainda se pode ver no terreno que ficou fora do lindo adro e só ficou defronte da igreja a dita casa cagarrão, metendo nojo a gregos e troianos, isto é: a todos aqueles que tinham juízo, porque ainda havia alguém que dizia que a casa não se devia remover.

Ah! Coridon, Coridon!

Enfim, aborreceu tanto que foi lançada por terra e feita onde hoje existe. Logo que se conseguiu o dito terreno, mudou-se o cruzeiro para defronte da porta principal onde hoje existe; houve foguetório e agitação de comparsas, enfim um regabofe. Esta pobre gente vendo a sua igreja desafogalhada principiou logo a desejar a sua reforma e no mês de Julho do mesmo ano de 1879 começaram as obras da igreja; alargou-se para o lado do norte, fazendo-se mais uma nave com a mesma largura da antiga, com três arcos de pedra iguais aos da nave do Santíssimo, num dos quais se colocou o púlpito, cuja escada ficou bem lançada; levantou-se toda a igreja uns seis palmos e não foi mais por causa das sineiras (da torre porcaria de gato).

Fez também a sacristia do norte para guardar os objectos da Confraria. O Ex.mo Sr. Barão de Maracanã mandou fazer o altar do Senhor dos Passos, a sua imagem e o mandou colocar na nave nova tal qual se vê, tudo à sua custa.

Fez-se ali também o altar de Nossa Senhora das Vitórias: este foi feito com uma esmola que deu o Pacheco de Belinho por um milagre que Nossa Senhora lhe fez dando saúde a sua mulher, prometendo-lhe os seus bois (como se vê no quadro junto).

Depois que já nos julgávamos muito felizes, principiou a aborrecer a tortinha da capela mor e o arco cruzeiro, e zás, abaixo a capela-mor e o arco cruzeiro. Alargou-se o arco e levantou-se; fez-se toda de novo a capela-mor, fez-se mais comprida e larga principalmente para o lado da sacristia paroquial, a qual se fez também mais comprida para o nascente, para suprir o que se lhe cortou pelo alargamento da capela-mor, como ainda hoje se pode ver no acréscimo que mostra o pano da mesma sacristia; fez-se uma tribuna nova; meteu-se mais um degrau na subida para o altar-mor, fez-

-se também o altar de Santo António. Fez-se o saneção para o arco cruzeiro; decorou-se tudo. Principiou-se logo a dizer que a igreja de S. Paio de Antas era das mais bonitas do calcanhar do mundo. Era mentira. Eu tinha desejo que o fosse mas não era assim porque ainda tinha muitos defeitos e o principal de todos era termos dentro da igreja a tal torre (porcaria do gato). Outro defeito que dava muito nas vistas era ser a igreja muito curta em razão de muita largura com que ficou pelo acréscimo que se lhe fez para o lado norte; mas enfim, «laudate».

Estes defeitos eram notados por aqueles que entravam dentro dela. Depois que o adro se alargou em volta da igreja, alinhou-se com a mesma largura até ao portão de ferro que está em frente da igreja; hoje já ninguém sabe o que alargou em volta da igreja. Mas o que é certo é que as costas da Capela-mor foram feitas em terras do passal e a quina da sacristia norte foi criada no meio de uma ramada ou latada do mesmo passal; fez-se a vedação do mesmo adro e para não ficar barrigudo para o lado sul, deixou-se fora dele, a belga desterra que corre do nascente ao poente, partindo do nascente, sul e poente, com caminho público e o do norte com o adro. Esta leira não é do passal do pároco; pertence à freguesia: eu sempre a tenho cultivado mas é por ser essa a vontade do povo.

O cemitério foi feito ao norte do adro, e suposto não estar obra apurada, a sua posição é muito bela e cómoda pela sua proximidade da igreja.

(Continua no próximo número)

Na Junta de Freguesia

— Entregámos o caderno reivindicativo do Conselho Docente da escola de Azevedo, sobre a «pouca vergonha»... por não haver instalações sanitárias e não só!...

— Soubemos da doação a fazer pela Casa de Belinho à Junta do terreno do nascente a poente MATO DO CAMPO — do Campo de Futebol — na sua largura até ao terreno de cultivo. Ficando assim distribuído; Frente à Estrada — LOTES PARA CONSTRUÇÃO + sul, CAMPO DE FUTEBOL — a seguir para o poente, PAVILHÕES PARA ESCOLA PRIMÁRIA, e restante terreno será para a freguesia.

— Esclareceu-nos ter entrevistado o ZECA DA PISCA, sobre a exploração de Areia, a que se comprometeu em conjunto com a Câmara e a

«Voz de Antas», saúda-vos e relembra a palavra autorizada do Papa:

«Tanto para os povos como para as pessoas, possuir mais não é o fim último. Embora necessário para permitir ao homem ser mais homem, torna-o contudo prisioneiro no momento em que se transforma no bem supremo que impede de ver mais além. Então os corações endurecem e os espíritos fecham-se... A busca exclusiva do ter constitui então um obstáculo ao crescimento do ser».

Responde às vossas dúvidas e perguntas, em síntese:

— A partir deste número aceitam-se sugestões sobre o local para o Encontro-Convívio com a presença do pároco, a realizar possivelmente em Junho.

— Para se inscreverem como sócios contribuintes da JAEOCA poderão fazê-lo, se ainda o não fizeram, dando os nomes às comissões correspondentes da «Voz de Antas» em França, ou fazer o pedido para Direcção JAEOCA — Antas — Esposende.

— A JAEOCA consiste num Movimento de Juventude que se vai promovendo através de várias actividades, em ordem a assumir dos mais velhos, amanhã, as rédeas da responsabilidade. Os sócios contribuintes terão regalias de vária ordem, como descontos especiais em sessões de cinema, teatro, inscrições etc. Espiritualmente usufruirão de uma Missa mensal (a missa solene da JAEOCA, no primeiro domingo de cada mês) por vivos e pelos falecidos. Anualmente no mês de Novembro haverá uma celebração com exéquias solenes para sufrágio dos sócios falecidos. Além de mais, a nossa Fe-

licidade consiste em ver a Juventude bem encaminhada no caminho da sua formação integral.

— No próximo número do jornal virá a letra de alguns cânticos gravados, na face 2 da cassette, satisfazendo deste modo o «velho» pedido da comissão correspondente de Jargeau e S. Denis de L'Hotel.

— Recebemos a devolução do jornal com o nome de Rosa Pires Laranjeira, e respectivo carimbo: n'habite pas à l'adresse indiquée — retour à l'envoyeur.

E ao terminar esta saudação, ressonância da nossa voz, ficamos a pensar...

«Emigrante, bom amigo, Irmão na fé e no amor, A teu lado quero estar A acompanhar-te na dor.»

O SEMINÁRIO DA SILVA AGRADECIDO...

Silva, 30/3/1977

Amigo P.e Brito,

As minhas saudações amigas.

Querida agradecer a maneira como fomos acolhidos e ao mesmo tempo comunicar que fizemos 2.200\$00 em bilhetes na sessão e 4.195\$00 nos envelopes. Obrigado pela sua inestimável colaboração. Os rapazes ficaram satisfeitos. Escreverei em seguida e envio grande amizade.

P.e Manuel Durães Barbosa

Amigo P.e Brito

Antes de mais saudações amigas, quer da minha parte, quer da parte do ciclo complementar e de todos os snrs. P.es que aqui se encontram. Aqui a vida vai correndo normalmente, como é costume.

Mais propriamente escrevo-lhe esta carta com o fim de lhe agradecer toda a canseira que teve em nos acolher tão mimosamente aí na sua paróquia.

Gostámos imensamente do dia que aí passámos. O povo, segundo o meu parecer, também gostou imenso do nosso contributo. Foi uma bela experiência para nós, seminaristas. Até acho que esse dia se deveria repetir mais vezes. Mas isso, é outro caso a pensar. Portanto, da nossa parte, o nosso muito obrigado. Certo?

Quando nos quiser visitar, as portas estão abertas e, de certeza, que será bem recebido.

E, termino, fazendo votos para que você se sinta bem no lugar que ocupa, não se esquecendo que é um ministro de Deus.

Em nome do ciclo complementar me despeço.

José Neto de Miranda

Bandas de música morrem lentamente

Há quase um ano referimos nestas colunas a caótica situação em que se encontram as duas Bandas de música desta vila — a «Filarmónica Ilhavense», mais conhecida por «Música Velha»; e a «Banda dos Bombeiros Voluntários de Ilhavo» (que nada tem com aquela corporação) e é conhecida por «Música Nova».

Ambos os organismos — o primeiro com 139 anos e o segundo com «apenas» 77 — padecem de falta de instrumentos, falta de fardamentos, de dinheiro para ambas essas necessidades, duma sede com instalações condignas para ensaios e, sobretudo, de executantes que não se importem de tocar «por amor à Arte». Mas o problema é

também, de falta de sócios, tendo perdido muitos quando as quotas passaram de 2\$50 mensais para 5\$00...

Solicitados, além dos subsídios anuais (2 500\$00 da Câmara e 2 000\$00 da Comissão Distrital), auxílios pecuniários aos responsáveis, eles responderam que as Bandas deveriam tocar, semanalmente, no Jardim Público, sem o que não se justificariam tais ajudas. Mas como tocar — sem instrumental, sem indumentária e, acima de tudo, sem músicos?...

Parece impossível que os «ilhavos» deixem «afundar-se» no mar da apatia aquelas duas «naus musicais» que le-

(Conclui na 11.ª pág.)

Se eu não fosse analfabeto...

Compreenderia porque apareceram tantos defensores do povo que nada mais fazem do que prejudicá-lo.

Compreenderia os acérrimos defensores das «amplas liberdades» que em tudo demonstram ser descarados opressores. Já minha avózinha dizia: «Se quereis conhecer o vilão, metei-lhe a vara do mando na mão». A filosofia do povo analfabeto é mais esclarecida do que se

pensa... Até consegue ser profeta.

Quando se fala do Chile todos gritam esganiçados: «Abaixo a ditadura! Respeitem-se os direitos humanos!» Certo. Mas porque será que os mesmos que tanto ódio destilam contra a ditadura chilena, sentem tanta simpatia pelas ditaduras de Leste? Nem o «muro da vergonha», defensor das «amplas liberdades», os preocupa. Pe-

los vistos há ditaduras boas e ditaduras más. Um são desumanas, insuportáveis e férreas! Outras, porque de côr diferente, são paradisíacas! Originalidades de certos progressistas da nossa terra, nos tempos que correm...

Se eu não fosse analfabeto descobriria a maneira de ganhar dinheiro, sem ter de calejar as mãos. Bem sei que me chamariam fascista, burguês, explorador do povo... E daí talvez não. Os que costumam chamar esses nomes não têm as mãos calejadas... Não lhes falta dinheiro... Vestem pelo último figurino da moda... São profissionais da demagogia! Só não conseguem arranjar vontade de trabalhar! É doença crónica e altamente contagiosa. Dizem defender os trabalhadores, porque só os trabalhadores produzem riqueza. O que até é verdade. Quando trabalham.

Mas estes trabalhadores que só o sabem ser, quando têm um prato ou um copo na frente ou quando gritam slogans demagógicos, porque para isso são pagos, não produzem riqueza. Cavam a ruína.

Será que os parasitas, boicoteiros e os incendiários produzem riqueza?

Será que os incendiários queza?

Será que os que mandam imprimir cartazes de propaganda aos milhares e pagam chorudamente aos que os colam ou aos que sujam paredes, durante a noite, produzem riqueza?

Se eu não fosse analfabeto talvez dissesse que cada vez somos mais ricos em MISÉRIA...

Como eu gostava de não ser analfabeto para compreender!...

Observa o Mirone Sem Besunto

Até parece verdade

Não há quem trabalhe

«Farto, fartíssimo das constantes exortações ao trabalho e das incessantes campanhas para aumento de produtividade nacional com que a Imprensa, a Rádio, a TV nos bombardeiam diariamente, resolvi fazer a mim mesmo esta pergunta:

— Mas, afinal, quem é que trabalha neste país?

Cheguei às seguintes conclusões segundo indicações das estatísticas nacionais:

A população de Portugal é de — 9 milhões; O número de pessoas com mais de 65 anos de idade é de — 3 milhões; Restam para trabalhar — 6 milhões; O número de pessoas com menos de 16 anos

(Conclui na 11.ª pág.)

Obras paroquiais

— O NOSSO INTERESSE!

A força de vontade tem sido o timbre deste povo, nas obras paroquiais — o nosso interesse. Por isso confessa-

mos que o nosso interesse são as obras paroquiais.

Neste ano de 1977, a hora do arranque foi ao fazer um ano que lhe demos início, no sábado imediato ao domingo de Páscoa (Ressurreição do Senhor) dia 16, em 10 horas de trabalho. Aos que lerem esta coluna, com ressonância do nosso interesse, o convite aqui lhes fica. Serão os homens e rapazes, as senhoras e as raparigas que há um ano escreveram com letras de suor: EU QUERO:

— Demonstrar que a Unidade da terra e Progresso do Povo se conquistam com suor e trabalho e não com paleios alienados ou palavreados estereis.

— Dar aos vindouros a chama do Amor à causa da nossa Igreja, desprezando os vanguardismos de aviário de certos camaradas(...) e a descrença e o aviltamento que querem fazer à Igreja (que nós somos).

— Provar por A + B que dispôr de nossas horas, de sábado, para as obras paroquiais, leva a um melhor aproveitamento do trabalho na semana e que a entrega generosa de umas gotas de suor condensadas em escudos e investimento de Eternidade.

— Orgulhar-me de possuir uma Igreja com seus complexos integrantes ao ponto de «ser cobiçada» por quantos nos visitam.

No n.º 3 da edição de «Voz de Antas», a voz do Povo, ao apresentarmos o planeamento das obras para 77, dissemos que nenhuma dificuldade resiste aos golpes de uma vontade forte como a nossa.

Os que se cansam e se queixam de cansaço são aqueles que sempre ignoram as obras paroquiais como nosso INTERESSE.

O Amor a Cristo nos unirá sempre, sempre como irmãos numa Família que trabalha e reza unida.

Bem hajam!...

(Continua no próximo número)

O riso não paga imposto

Quando falas dos outros...

1. Quando eles trabalham pouco, são preguiçosos.
2. Quando eles falam de alguém, são más línguas.
3. Quando eles mantêm os seus pontos de vista, são teimosos.
4. Quando eles não falam para mim, é uma afronta.
5. Quando eles demoram a fazer um trabalho, são lentos.
6. Quando eles são amáveis, é porque há segundas intenções.
7. Quando eles são rápidos num trabalho, são aldrabões.
8. Quando eles fazem qualquer coisa não exigida, metem-se onde não são chamados.
9. Quando eles defendem os seus direitos, são maus feitios.

...falas de ti

1. Quando eu trabalho pouco estou muito cansado.
2. Quando eu falo de alguém, é crítica construtiva.
3. Quando eu mantenho os meus pontos de vista, sou firme.
4. Quando eu não falo para eles, é um simples esquecimento.
5. Quando eu demoro a fazer um trabalho, sou cuidadoso.
6. Quando eu sou amável, é delicadeza.
7. Quando eu sou rápido num trabalho, sou um tipo despachado.
8. Quando eu faço qualquer coisa não exigida, tenho iniciativa.
9. Quando eu defendo os meus direitos, mostro que tenho carácter.

Como se faz um político

Um homem, desejando conhecer a vocação de seu filho, encerrou-o num quarto com uma Bíblia, uma nota de um dólar e uma maçã. Se o encontrasse a ler a Bíblia, faria dele um padre; se o encontrasse a olhar para a nota, faria um banqueiro; e se a comer a maçã, um lavrador. Quando voltou, encontrou a criança sentada sobre a Bíblia, com a nota no bolso e a comer a maçã. Fez dele um político.

Sinceridade

Qual foi dos meninos que escreveu no quadro, «O Professor é um burro».

Depois de um pequeno silêncio, um dos alunos levantou-se e com ar de arrependido: — Fui eu, senhor professor. — Está bem... por teres dito a verdade, não te castigo.

Otimismo

Certo velhote de oitenta anos pensa em casar-se com uma rapariga de vinte anos. — É pá, isso pode ser fatal! — diziam-lhe. — E então? — respondeu ele, se ela morrer, caso com outra!

Campanha de politização

Um comunista, vindo de Moscovo propositadamente fazer propaganda do novo plano quinquenal, encontrou um camponês e encheu-lhe a cabeça de números: — Calcula tu... lá na tua aldeia há, agora, cinco automóveis; graças ao plano, para o ano há cinquenta e, dentro de cinco anos, há pelo menos, mil! Isto é o que se deve ao partido e às suas realizações.

Foi-se embora e o pobre do camponês entrou na sua terra com a cabeça à volta com as multiplicações. De tal forma que, quando quis explicar aos patricios o que tinha ouvido, disse assim:

— Calculai vós! Hoje, cá na terra, há cinco pobres! Dentro de dois anos, há cem e, daqui a cinco, com o plano em marcha acelerada, toda a povoação terá de mendigar.

Adivinhas

1 Sou feia e mesmo assim Ainda que mal pareça Quando ele passa por mim perde num instante a cabeça.

2 És tú sem tirar nem pôr cara, corpo e vestuário São iguais não falta nada Mas está tudo ao contrário.

3 Sou um fruto Mas precedido de «L» sou agasalho, E precedido de «CH» sou água Que sou?

4 Antes de ser gerado fui no mar batido noite e dia Quem quer ser saboreado Sempre em mim confia.

5 Qual o animal que mais se parece com o gato?

6 Qual o animal que come com o rabo?

Decifração das adivinhas de «Voz de Antas» n.º 3

1 Debaixo da terra.

2 A carta.

3 Atiram-se os dois contra uma parede e o que miar é gato.

4 Às direitas: aroma Às avessas: amora.